



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA
DEPARTAMENTO DE MÚSICA**



**O ENSINO DO TROMPETE EM NÍVEL INTERMEDIÁRIO: ESTUDO COM BASE
NA OPINIÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E
PROPOSIÇÃO DE PARÂMETROS**

DAIRAN JHORDAN DANIEL SANTOS SILVA

Ouro Preto - MG

2021

**O ENSINO DO TROMPETE EM NÍVEL INTERMEDIÁRIO: ESTUDO COM BASE
NA OPINIÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E
PROPOSIÇÃO DE PARÂMETROS**

DAIRAN JHORDAN DANIEL SANTOS SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Ouro Preto como parte das exigências
para a obtenção do título de Licenciado
em Música.

Orientador: Prof.Me.Érico Fonseca -
Escola de Música da Universidade
Federal de Ouro Preto (UFOP).

Ouro Preto - MG

2021



FOLHA DE APROVAÇÃO

DAIRAN JHORDAN DANIEL SANTOS SILVA

**O ENSINO DO TROMPETE EM NÍVEL INTERMEDIÁRIO: ESTUDO COM BASE NA OPINIÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS
BRASILEIROS E PROPOSIÇÃO DE PARÂMETROS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Música

Aprovada em 20 de abril de 2021

Membros da banca

Me. Érico Fonseca - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Edésio Lara - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Guilherme Paoliello - Universidade Federal de Ouro Preto

Érico Fonseca, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 29/07/2022



Documento assinado eletronicamente por **Erico Oliveira Fonseca, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/07/2022, às 10:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0370192** e o código CRC **F364AF2B**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo apoio ao longo desses anos em especial meus Avós, Mãe e Tios. A todos que fizeram parte da minha formação musical e puderam contribuir de alguma maneira em especial os Maestros Diano Ferreira Santos, Francisco Ermelindo da Silva (Chiquinho), Nilton das Graças, e todos que estiveram comigo em diversas bandas de músicas, em especial a Corporação Musical Euterpe Lagoana até o dia de hoje.

À Universidade Federal de Ouro Preto e ao Prof.Me. Érico Fonseca que me acompanhou durante a graduação ensinando as técnicas para desenvolvimento no trompete, junto aos caminhos e possibilidades de atuações com o instrumento e dedicando uma parte do seu tempo a me orientar e acompanhar neste projeto de pesquisa.

Aos professores Dr. Guilherme Paoliello e Dr. Edésio Lara Melo pelas contribuições como banca, e aos Docentes que participaram e contribuíram de forma direta respondendo os questionários.

E a tantos outros colegas e professores que contribuíram para a minha formação ao longo do percurso na universidade em especial a Ana Luiza Almeida Soares que esteve ao meu lado durante essa caminhada me apoiando e me incentivando a alcançar esse objetivo.

RESUMO

Através desta pesquisa, busca-se uma perspectiva pedagógica sobre os parâmetros técnicos do que é comumente definido como nível intermediário no ensino e aprendizagem do trompete no Brasil. Por meio de um questionário on-line, participaram professores de diversas universidades do país (federais, estaduais e privadas), no intuito de contribuir com os seus conceitos em relação a tal nível, a fim de encontrar uma relação entre as suas opiniões sobre os aspectos e parâmetros técnicos atribuídos a esta terminologia denominada nível intermediário. Com base nas respostas dos professores de trompete das universidades brasileiras e consulta à literatura, o autor desta monografia propôs uma tabela de parâmetros técnicos para nortear compositores a criar obras que elenquem o trompete como protagonista. Ademais, a tabela visa auxiliar professores e alunos na escolha de publicações adequadas ao ensino e aprendizagem deste instrumento em etapas intermediárias.

Palavras-chave: Trompete; Educação Musical; Nível Intermediário.

ABSTRACT

This research seeks a pedagogical perspective on the technical parameters of what is commonly defined as intermediate level, in teaching and learning trumpet in Brazil. Through a survey formulary, teachers from Brazilian universities (federal, state and private) participated, in order to contribute with their concepts about this level, in order to find a relationship between their opinions on the aspects and technical parameters assigned to this terminology called the intermediate level. Based on the responses from trumpet professors in Brazilian universities and consultation of the literature, the author proposed a table of technical parameters to guide composers to create works for the trumpet as a solo instrument. In addition, the table aims to assist teachers and students to choose appropriate publications for teaching and learning of this instrument in the intermediate stages.

Keywords: Trumpet, Music education, Intermediate level.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Trompete com cinco chaves.....	16
Figura 2. Modalidades de atuação dos professores respondentes.....	24
Figura 3. Fá# 2, Dó 3.....	26
Figura 4. Fá# 2 ao Dó 5, extensão citada pelo décimo respondente.....	26
Figura 5. Inicialização dos trompetistas.....	27
Figura 6. Fá# 2, Sol 4 até o Dó 5, tessitura básica para o estudante trompetista amador, de acordo com o sétimo respondente.....	29
Figura 7. Fá# 2 até o Dó 3, tessitura das primeiras posições no registro grave, conforme apontamentos do décimo quarto respondente.....	33
Figura 8. Dó# 3, Sol 3, ampliação do registro, conforme apontamentos do décimo quarto respondente.....	34
Figura 9. Dó# 3, Sol 3 até o Dó 4, conforme apontamentos do décimo quarto respondente.....	34
Figura 10. Fá# 2, Dó 3, Dó# 3, Sol 3 até o Dó 4, construção da tessitura iniciante.....	34
Figura 11. Dó 3 até o Dó 4, tessitura do iniciante segundo o décimo quinto respondente.....	34
Figura 12. Sol 2, Dó 5, Ré 5, Mi 5 e Fá 5, tessitura para um trompetista experiente, de acordo com o décimo quinto respondente.....	35
Figura 13. F# 2 ao Fá 5, totalidade da tessitura/extensão relatada pelos respondentes.....	35
Figura 14. Aspectos técnicos observados para recomendação do material de estudo.....	38
Figura 15. Adaptação da Tabela de Parâmetros realizada pelo Dario Sotelo.....	44
Figura 16. Tessitura proposta na tabela do Dario Sotelo.....	45
Figura 17. Agrupamento de três quiálteras.....	47
Figura 18. Variações das células rítmicas de quiálteras.....	47

Figura 19. Agrupamento simples de fusa.....	47
Figura 20. Armadura de clave dos sustenidos.....	48
Figura 21. Armadura de clave dos bemóis.....	48
Figura 22. Modelos de ornamentos a serem abordados neste nível.....	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Modalidade de atuação dos respondentes.....	25
Tabela 2. Elaborada pelo autor sobre aspectos que diferenciam trompetistas intermediários de avançados, segundo o nono respondente.....	31
Tabela 3. Elaborada pelo autor sobre as diferenças do trompetista iniciante e intermediário pelo décimo primeiro respondente.....	32
Tabela 4. Publicações habituais para nível intermediário mencionadas pelos respondentes...	36
Tabela 5. Publicações abordadas nas atividades avaliativas de acordo com o sétimo respondente.....	40
Tabela 6. Publicações abordadas no curso de Bacharelado em trompete, do décimo segundo respondente.....	40
Tabela 7. Publicações abordadas no curso de Licenciatura em Música, do décimo respondente.....	40
Tabela 8. Publicações abordadas nas instituições dos respondentes.....	41
Tabela 9. Autores citados sem a obra de acordo com os respondentes.....	42
Tabela 10. Tópicos utilizados na estruturação da tabela.....	46
Tabela 11. Tonalidades e modos a serem trabalhados em nível intermediário.....	48
Tabela 12. Proposta da tabela de parâmetros em nível intermediário.....	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 NOTÓRIOS AUTORES E PEDAGOGOS DO TROMPETE NOS SÉCULOS XIX E XX	15
1.2 A INVENÇÃO DAS CHAVES E DOS PISTÕES	15
1.3 JOSEPH BAPTISTE ARBAN (FRANÇA, 1825 – 1889)	17
1.4 HERBERT LINCON CLARKE (ESTADOS UNIDOS, 1867 –1945)	17
1.5 GEORGES MAGER (FRANÇA, 1885 –1950)	18
1.6 LOUIS MAGGIO (ITÁLIA, 1878 –1957)	18
1.7 BILL ADAMS (ESTADOS UNIDOS, 1917 – 2013)	19
1.8 VINCENT CICHOWICZ (ESTADOS UNIDOS, 1928 – 2006)	19
1.9 MAX SCHLOSSBERG (RÚSSIA, 1873 – 1936)	20
1.10 JAMES STAMP (ESTADOS UNIDOS, 1912 – 2005)	21
1.11 WILLIAM VACCHIANO (ESTADOS UNIDOS, 1912 – 2005)	21
1.12 CHARLES SCHLUETER (ESTADOS UNIDOS, 1939)	22
1.13 NAILSON SIMÕES (BRASIL, 1956)	22
2. O ENSINO DO TROMPETE EM NÍVEL INTERMEDIÁRIO COM BASE NA OPINIÃO DOS PROFESSORES DE UNIVERSIDADES BRASILEIRAS	24
2.1 MODALIDADES DE ENSINO E GRAUS ACADÊMICOS DE ATUAÇÃO DOS RESPONDENTES	24
2.2 O TROMPETISTA AMADOR	25
2.3 EXPERIÊNCIAS DOS RESPONDENTES COM MÚSICOS AMADORES	28
2.4 O ESTUDANTE DE TROMPETE EM NÍVEL INTERMEDIÁRIO	29
2.5 DIFERENCIAÇÕES ENTRE O TROMPETISTA INICIANTE, INTERMEDIÁRIO E AVANÇADO.	30
2.6 TESSITURA NO ENSINO E APRENDIZAGEM NO TROMPETE	33
2.7 PUBLICAÇÕES HABITUAIS PARA O NÍVEL INTERMEDIÁRIO	35
2.8 RECOMENDAÇÕES DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS	38
2.9 PUBLICAÇÕES ABORDADAS NO PROCESSO SELETIVO	39

3. PROPOSIÇÕES DE UMA TABELA DOS PARÂMETROS TROMPETÍSTICOS EM NÍVEL INTERMEDIÁRIO	42
3.1 CONFECÇÃO DA TABELA DE PARÂMETROS PARA TROMPETE EM NÍVEL INTERMEDIÁRIO	46
3.2 MÉTRICA E FIGURAS RÍTMICAS	46
3.3 EXTENSÃO E TESSITURA	47
3.4 ARMADURA DE CLAVE, TONALIDADES E MODOS	48
3.5 TEMPO: PULSAÇÃO POR MINUTO	48
3.6 ANDAMENTO E ENVERGADURA	49
3.7 ARTICULAÇÃO	49
3.8 DINÂMICA	49
3.9 ORNAMENTOS	49
3.10 TABELA PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DO TROMPETE EM NÍVEL INTERMEDIÁRIO	51
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
5. REFERÊNCIAS	53
6. ANEXO: RESPOSTAS OBTIDAS VIA QUESTIONÁRIO ON-LINE	56

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto a criação de uma tabela de parâmetros técnicos para trompetistas em nível intermediário. O dicionário *Michaelis* on-line¹ define intermediário como: “Diz-se do estágio de um curso, entre o nível inicial ou introdutório e o avançado”.

No Brasil, existe uma Tabela de Parâmetros desenvolvida por Dario Sotelo, professor do Conservatório de Tatuí, voltada aos instrumentos de sopro das bandas de música. Esta tabela é uma adaptação da tabela de parâmetros norte-americana e foi adaptada para a realidade brasileira. Ela se divide em cinco graus, para nortear os regentes de bandas na escolha do repertório e compositores que escrevem habitualmente para este repertório. Essa tabela se encontra no livro intitulado *Pequeno Guia Prático para o Regente de Banda*, que reúne quatro artigos, sua publicação foi realizada pela Fundação Nacional das Artes (FUNARTE), tendo como organizador o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Marcelo Jardim.

Esta tabela propõe novas perspectivas didáticas para o trompete, visando o protagonismo do instrumento dentro das capacidades técnicas do nível intermediário. Apesar da palavra “intermediário” ser identificada por algo que está entre duas etapas ou no meio de algum processo evolutivo, pouco se sabe quais são os aspectos ao nível, sendo encontrada muita dificuldade em definir, objetivamente, quais peças são de nível intermediário.

Em uma breve consulta a internet, encontrou-se diversos cursos on-line para trompete. Nesses cursos, há uma variedade de níveis de expertise sugeridos e alguns deles são divididos em módulos.

A Associação Brasileira de Trompetistas (ABT) realizou durante o ano de 2020, o 1º Concurso On-line² da ABT, contendo as categorias intermediário e avançado. As divisões entre as categorias foram realizadas por idade, podendo atuar na categoria intermediária, trompetistas com a idade máxima de vinte e dois anos e avançado até trinta anos.

Sobre a frequente, porém obscura utilização da nomenclatura “nível intermediário”, encontram-se dúvidas e incertezas acerca de tal terminologia. Os compositores, normalmente, ao compor para o trompete, dedicam suas obras a profissionais de destaque. Devido a este fato, grande parte dessas obras exigem, durante a sua interpretação, alta maturidade técnica e

¹ Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 25 de maio de 2020.

² Este evento ocorreu em virtude da pandemia do COVID-19.

artística. Diante disso, surgiram as inquietações que induziram a esta pesquisa.

Deseja-se que compositores brasileiros passem a criar material musical para estudantes iniciantes no instrumento que ainda estão desenvolvendo sua técnica. Acredita-se que esta prática enriquecerá a, ainda escassa, literatura brasileira para trompete em nível intermediário e incentivará um debate acerca de processos composicionais e pedagógicos que nortearão novas publicações e materiais didáticos.

Ademais, espera-se que a tabela possa auxiliar estudantes e professores a direcionarem os conteúdos já existentes para os trompetistas em nível intermediário e que este trabalho possa nortear professores e alunos que hoje trabalham ou possam trabalhar com o nível intermediário no Brasil.

O nível intermediário pode ser um indicador para determinar quais lacunas já foram preenchidas e quais ainda estão por preencher na abordagem técnica do trompete. Espera-se que este levantamento possa ser útil a músicos amadores e estudantes que desejam se profissionalizar. Uma vez sugeridos os parâmetros de uma nova tabela, visa-se contribuir com a organização dos conteúdos em nível intermediário, em função das dificuldades técnicas e objetivos artísticos.

Com o recurso dessa tabela, os docentes e discentes poderão trabalhar de forma coletiva ou individual, sem ultrapassar os limites do nível intermediário, para que não haja um esforço além do necessário. Dessa forma, pode-se diminuir as chances de frustração do aluno e sua eventual desistência.

A tabela de Dario Sotelo não é destinada a uma finalidade didática que protagonize o trompete como instrumento solista, mas sim, em naipe integrante de uma banda. Propõe-se nesse trabalho, nortear a criação de novas obras e materiais didáticos para músicos amadores ou estudantes que desejam alcançar uma carreira profissional, e que estas obras tenham um grau de exigência acessível. Os materiais advindos destes parâmetros permitirão que os trompetistas executem obras que protagonizam o trompete, mas que não necessariamente sejam de difícil execução.

Através do questionário on-line, explicitou-se opiniões sobre os conceitos abordados neste nível de exigência, de acordo com os principais atores da pedagogia do trompete no Brasil.

Nesta pesquisa, indaga-se se o nível intermediário seria uma ponte imaginária entre a realidade do músico amador e o estudante que deseja lograr êxitos (ser bem-sucedido no sentido

de realização pedagógica e/ou artística) além de suas atividades de lazer.

Os procedimentos utilizados nesta pesquisa foram divididos em quatro etapas. A primeira consistiu em uma pesquisa biográfica sobre os principais professores e autores na pedagogia do trompete, traçando uma linha do tempo desde a invenção dos pistões até a eclosão do ensino universitário do trompete no Brasil. Com o retorno do professor Nailson Simões - primeiro brasileiro a obter um doutorado em trompete - ao Brasil, nos anos 1990, sendo um marco para a expansão dos cursos de trompete em graduações em música. A segunda etapa foi uma pesquisa bibliográfica relacionada ao nivelamento em bandas de música e ao ensino do trompete. A terceira etapa foi construída através de um questionário on-line aplicado para os professores de universidades brasileiras, onde visou-se uma coleta de dados sobre o nível intermediário. Para este fim, utilizou-se a ferramenta *Survey Monkey*³. Obteve-se respostas de 19 professores universitários de trompete do Brasil que foram contatados por e-mail. A identificação dos respondentes e de suas instituições foi ocultada, no intuito de preservar o anonimato. Na quarta etapa, foi realizada uma análise e exposição dos dados recolhidos através da entrevista com os professores com posterior comparação à tabela concebida por Sotelo (2008).

As técnicas de análise de conteúdo empregadas foram baseadas nos conceitos de Categorização e Inferência, segundo Bardin (1977) e Indução e Dedução, segundo Marconi e Lakatos (2003).

Espera-se que a criação de uma tabela voltada para os parâmetros técnicos em nível intermediário em trompete nortear futuras publicações e novos debates acerca desta estratégia de abordagem didática.

Acredita-se que haverá uma contribuição e um estímulo para que os autores e pedagogos criem e indiquem obras, em processos didáticos e criativos para o trompete em níveis não superiores. As novas obras advindas desta tabela trariam protagonismo ao trompete respeitando as eventuais limitações técnicas do executante, preparando-o para acessar, no futuro, obras extensas e que são comumente abordadas em cursos superiores em música no Brasil.

Haverá benefícios aos músicos amadores que desejam se aperfeiçoar através da execução de obras que protagonizam o trompete como instrumento solista, além da abertura de novas possibilidades de pesquisa sobre parâmetros de classificação em diversas vertentes de

³ SurveyMonkey é uma ferramenta de coleta de dados através de questionários on-line (nota do autor).

estilo, diferentes da típica abordagem eurocêntrica que permanece nas instituições brasileiras.

1.1 NOTÓRIOS AUTORES E PEDAGOGOS DO TROMPETE NOS SÉCULOS XIX E XX

Este capítulo tem como proposta um breve olhar sobre a pedagogia do trompete, desde a invenção dos pistões, perpassando pelas principais publicações, autores canônicos e ressaltando os principais nomes no desenvolvimento do ensino do trompete no mundo, para enfim, chegar até o nome do Prof. Nailson Simões.

1.2 A INVENÇÃO DAS CHAVES E DOS PISTÕES

O trompete passou por um longo período de evolução até a invenção dos pistões, que ocorreu no período da revolução industrial. Isso permitiu avanços técnicos para o instrumento. A invenção dos pistões ocorreu entre 1815 e 1839, sendo desenvolvidos dois tipos de mecanismos para o trompete: à válvula (rotores) e os pistões. Sobre esse período histórico na evolução do instrumento, Carlos Sulpício informa:

As invenções que tiveram sucesso de fato, e se desenvolveram nos moldes dos mecanismos que utilizamos hoje em dia, foram respectivamente a invenção das válvulas rotativas, em 1815 na Alemanha com Heinrich Stölzel, e a invenção dos pistões, em 1839 na França, com François Périnet. (SULPÍCIO, 2012, p. 76)

Anteriormente à invenção dos pistões, apareceram alguns modelos de trompete, dentre eles o trompete a chaves, no qual era possível tocar cromatismos. Dentre as obras compostas para este instrumento, destacam-se os Concerto para Trompete e Orquestra em Mi bemol Maior por Franz Joseph Haydn (1732 - 1809) e o Concerto para Trompete e Orquestra em Mi Maior por Johann Nepomuk Hummel (1778 - 1837). Ambas as obras foram compostas especialmente para Anton Weidinger (1767 - 1852) que havia desenvolvido um trompete com um mecanismo de chaves que permitiu a execução de cromatismos. Sobre tal fato, Carlos Sulpício atesta:

Weidinger tinha recentemente aperfeiçoado o trompete para um mecanismo que continha cinco ou seis chaves, similar ao mecanismo dos instrumentos de sopro de madeira, no qual era possível tocar-se cromáticamente por quase toda extensão do instrumento. (SULPÍCIO, 2012, p. 60).

Figura 1: Trompete com cinco chaves



Fonte: CASSONE (2002, p. 72 apud SULPICIO, 2012, p. 60).

A figura acima, ilustra o instrumento desenvolvido por Anton Weindiger. Diferente do trompete de pistões que conhecemos na atualidade, o trompete experimental a chaves foi construído no ano de 1777 em Dresden por um desconhecido trompetista. Tal instrumento teve como base para a construção, a trompa a chaves de Ferdinand Kölbl (1760). Porém, a tentativa falhou, pois, o trompete com este sistema perdia suas características timbrísticas. Consequentemente, o instrumento foi rejeitado⁴. Mesmo que Wendinger tenha levado o trompete a chaves ao ápice, o instrumento caiu em desuso em um curto espaço de tempo, conforme explica Carlos Sulpício:

O trompete experimental de chaves teve uma vida muito curta, pois sua sonoridade se diferenciava muito do timbre conhecido dos trompetes, uma vez que perdia o brilho e sua cor se assemelhava a uma mistura de timbres entre o trompete e o clarinete. Esta sonoridade não agradava os compositores e nem os trompetistas. (SULPICÍO, 2012, p. 60-61).

Os pistões do trompete na contemporaneidade tiveram origem na França e propulsionou a evolução do instrumento. Com a criação dos pistões, surgiram ao longo dos anos várias publicações para o instrumento. Criado por Joseph Jean Baptiste Laurent Arban (1825-1889) *Méthode Complète pour Cornet à Pistons et Saxhorn* é um testemunho dessa evolução, e um dos livros mais importantes para o ensino do trompete, inclusive nos dias de hoje. Segue, portanto, nas páginas seguintes, uma resumida abordagem biográfica sobre os principais autores e pedagogos do trompete, desde Arban até o Prof. Nailson Simões.

⁴ Disponível em: <<https://sites.google.com/site/dasteclasaospistoes/trompete/historia>>. acesso em: 23 set.2020.

1.3 JOSEPH BAPTISTE ARBAN (FRANÇA, 1825 – 1889)

Joseph Jean-Baptiste Laurent Arban nasceu em Paris. Estudou com François Dauverné, no Conservatório de Paris, de 1841 a 1845. Entre 1845 e 1855 iniciou na carreira militar, além de firmar vários compromissos em concertos.

Se destacou pelo seu lirismo brilhante e domínio das articulações. No ano de 1848, junto a Adolphe Sax, manteve uma extensa jornada de trabalho que, mais tarde, resultou no seu próprio Cornet-Arban⁵. Além de pedagogo, foi o primeiro virtuose a se tornar célebre na utilização do cornet com válvulas.

Influenciado por Niccolò Paganini (violinista e compositor), Arban desenvolveu suprema habilidade técnica em seu instrumento. Atuou como professor de cornet do Conservatório de Paris nos períodos de 1869-1874 e 1880-1889.

Publicou seu *Grande Méthode complète pour cornet à pistons et de saxhorn*, em 1864 em Paris. Esta publicação, comumente denominada como a “Bíblia dos Trompetistas”, ainda é uma das mais aplicadas no ensino de trompete. Passados mais de 150 anos da primeira edição, continua relevante, atual e necessária à formação técnica e musical dos trompetistas. (BAPTISTA, 2010).

1.4 HERBERT LINCOLN CLARKE (ESTADOS UNIDOS, 1867 –1945)

Herbert Lincoln Clarke foi uma figura notória em sua época. Ele é reconhecido pela facilidade que possuía para executar o cornet. Ingressou na *Queen's Own Rifle Regimental Band* em Toronto no intuito de obter seu próprio instrumento (um cornet da marca Courtois).

Ao longo de sua carreira, Clarke lecionou cornet para alunos com diversos graus de expertise, desde iniciantes até os virtuosos, desenvolveu métodos como o *Elementary Studies* para iniciantes, *Technical Studies*, *Characteristic Studies*, todos destinados ao cornet. Sobre Clarke, Boylan atesta que suas publicações figuram dentre as mais utilizadas, desde estudantes incipientes que estão aprendendo a expandir suas habilidades básicas, até trompetistas avançados que desejam manter e condicionar as habilidades já adquiridas.

Embora o foco principal de cada estudo seja o desenvolvimento técnico, como o controle da digitação e da articulação, é considerável perceber que todos eles são exercícios de fluência e devem ser abordados como tal. Estes são especialmente úteis para trompetistas na

⁵ Disponível em: < <http://ojtrumpet.net/arban/> >. Acesso em: 10 fev.2021.

fase inicial de desenvolvimento e possibilita a aprendizagem da digitação, escalas, arpejos e acordes. Para trompetistas mais avançados, outros padrões de articulações são propostos, conforme sugerido por Clarke antes de cada exercício por ele escrito (BOYLAN, 2018, tradução do autor).

1.5 GEORGES MAGER (FRANÇA, 1885 –1950)

Georges Mager iniciou seus estudos na França. Maico Viegas Lopes pontua que o referido professor “se graduou no conservatório de Paris, emigrando para os Estados Unidos em 1918 após a 1ª Guerra Mundial. Assumiu a cadeira de principal da *Boston Symphony Orchestra* em 1919, sendo também professor do *New England Conservatory*” (LOPES, 2007, p. 16).

Georges Mager foi um trompetista de grande relevância nos Estados Unidos e a sua atuação como professor foi decisiva na formação de músicos para as orquestras em Boston. Além de ocupar o cargo de primeiro trompetista da Sinfônica de Boston até 1950, influenciou trompetistas como William Vacchiano a utilizar trompetes em diferentes afinações. (DISSENHA, 2017).

1.6 LOUIS MAGGIO (ITÁLIA, 1878 –1957)

Louis Maggio é um dos maiores pedagogos e autores do trompete do século XX. No ano de 1919, se acidentou ao escorregar em uma calçada congelada e feriu sua boca. Com o impacto, literalmente rasgou seus lábios e arrancou diversos dentes na parte da frente.

O médico que o atendeu não pôde ajudá-lo muito em relação a sua carreira. Embora desencorajado, aceitou o desafio em retomar suas atividades como trompetista. Sendo assim, no ano seguinte, se afastou de suas funções e cuidou de seus lábios e de sua preparação, desenvolvendo um conceito totalmente novo para o estudo dos metais.

O sistema que Maggio havia desenvolvido deixou os seus colegas estupefatos. Sua nova técnica o permitiu retornar à sua cadeira na sinfônica. Seu desempenho causou espanto em seus colegas: ele havia alcançado uma tessitura até então inexplorada (cinco oitavas), na qual exibiu um rico timbre em toda a sua extensão. Sobre seu legado, Paulo Cesar Baptista atesta que “a técnica, desenvolvida a partir do início do século XX e especialmente aplicada por Louis Maggio, procura equilibrar as forças musculares” (BAPTISTA, 2010, p. 11).

Após o acidente, o próprio Maggio confessa que a partir daquele momento, muitos músicos o procuraram para buscar sua ajuda e expor seus problemas individuais. No ano de

1930, se estabeleceu em Los Angeles para se dedicar inteiramente à carreira de professor e assim consolidou sua reputação internacional. Dentre os músicos que sofreram lesões semelhantes às de Maggio e buscavam sua ajuda estão o trompetista Rafael Méndez e Carlton Macbeth.⁶

1.7 BILL ADAMS (ESTADOS UNIDOS, 1917 – 2013)

William Adams iniciou seus estudos de trompete aos 7 anos de idade, com Ben Foltz (terceiro cornetista da Banda de John Philip Sousa). Aos 11 anos se deslocava para Denver, no estado do Colorado (EUA) duas vezes por semana para ter lições de trompete com John S. Leick, primeiro trompetista da *Denver Symphony Orchestra*.

Aos 16 anos, se mudou para a Califórnia, a fim de se produzir como trompetista profissional. Por lá, atuou em diversas rádios, orquestras e bandas. Na Califórnia, estudou no *Pasadena Jr. College* e na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Durante a Segunda Guerra Mundial, teve que voltar para Fort Collins para se apresentar e servir ao exército. Foi regente de banda na *Rifle High School* (Colorado) em 1940, e logo após um ano de trabalho, passou a atuar como regente de banda na *Englewood High School*, no ano de 1941.

Se formou Bacharel na *University of Colorado*, em Boulder (Estados Unidos), fez mestrado em performance do trompete na *University of Rochester* (Estados Unidos) nos anos de 1947 e 1948. Entre os anos de 1946 e 1988, lecionou trompete na *Indiana University School of Music* (atual *Jacobs School of Music*) e após a sua aposentadoria, ofertou aulas particulares em sua residência, até o ano de 2013. Recebeu diversos prêmios por sua carreira, incluindo: *The Robert A. Phillips Service to Music Award* (2002); *Mentor of Trumpet Players World Wide*; *the James B. Calvert Outstanding Music Educator Award* (2004); *Indiana Wind Symphony* e recebeu o prêmio *Lifetime Trumpet Teaching Award* pela *International Trumpet Guild* (ITG)⁷ em junho de 2004.⁸

1.8 VINCENT CICHOWICZ (ESTADOS UNIDOS, 1928 – 2006)

Vincent Cichowicz tornou-se membro da *Chicago Symphony Orchestra* no ano de 1952, da qual fez parte durante vinte e três anos. Obteve, em 1997, o *Legend in Teaching Award*, atribuído pela *North Western University*. Considerado um dos grandes especialistas na

⁶ MAGGIO, Louis – **System for Brass by Carlton MacBeth**. Distribuição por Maggio Music Press. Impresso por North Hollywood CA 91609 USA. 1975.

⁷ A International Trumpet Guild (ITG) é uma associação internacional de trompetistas sem fins lucrativos, sediada nos Estados Unidos (nota do autor).

⁸ Disponível em: <<https://trumpetguild.org/content/itg-news/375-in-memori-am-bill-adam-1917-2013>>. Acesso: 05 out.2020.

pedagogia dos metais nos Estados Unidos da América, Cichowicz considera que, embora tocar um instrumento seja uma ação complexa, muitas vezes preocupa-se em demasia com tal complexidade, ao invés de buscar soluções para as mesmas. Cichowicz se tornou conhecido sobretudo pela publicação *Long Tone Studies*⁹, que consiste em ideias essenciais para se construir as bases da produção de um som fluente, flexível e livre (COELHO, 2014).

1.9 MAX SCHLOSSBERG (RÚSSIA, 1873 – 1936)

Max Schlossberg é o autor do método *Daily Drills and Technical Studies for Trumpet*. Este método baseia-se naquilo que são, segundo o autor, os dois mais importantes fatores elementares para se tocar trompete: a respiração e o ataque. Não se recomenda que o livro seja estudado por inteiro todos os dias e sim que o aluno escolha exercícios de cada seção, que irão beneficiá-lo ao máximo, alterando a sua rotina à medida que progredirem. Boylan aborda em sua obra a compreensão de Schlossberg sobre o funcionamento da coluna de ar e sugere que nos dias de hoje, existem novas ideias acerca da fisiologia da respiração, diferentes daquelas apregoadas por Schlossberg. Destacam-se seus exercícios de ataque, articulação e flexibilidade. Seu método é recomendado para o aprimoramento da tessitura aguda (BOYLAN, 2018, tradução do autor).

Schlossberg, além de trompetista, era contrabaixista e regente. Considerado por muitos como o fundador da escola americana de trompete¹⁰, com alunos notórios como William Vacchiano, Louis Davidson, Nathan “Nat” Prager, e James Stamp, entre outros¹¹. Max Schlossberg migrou em 1903 para os Estados Unidos, onde ingressou na *New York Philharmonic* como segundo trompetista, no ano de 1911. Em 1923, passou a integrar o quadro de professores do *Institute of Musical Art (IMA)* e mais tarde, se tornou professor na *Julliard School*.

Ainda na Rússia, Schlossberg estudou no Conservatório Imperial de Moscou com August Marquard, Franz Putkammer e Adolph Souer e em Berlim estudou com Julius Kosleck, um dos mais notórios trompetistas da Europa em sua época. O seu método foi compilado por Harry Freistadt que selecionou os exercícios que formaram o método de Schlossberg. O livro está subdividido em oito partes: *Long Note Drills, Exercise Intervals, Octave Drills, Lip Drills,*

⁹ *Long Tone Studies* é um estudo voltado para a fluência no instrumento (nota do autor).

¹⁰ A escola americana de trompete se deu em virtude de a junção de duas escolas sendo a escola russa e a escola francesa, isso ocorreu devido a imigração dos músicos dessas escolas para os Estados Unidos (nota do autor).

¹¹ Disponível em: <<https://www.trompeteonline.com.br/artigo/max-schlossberg-daily-drills-and-technical-studies-for-trumpet>> Acesso em 11 fev. 2021.

*Chord Drills, Scale Drills, Chromatic Scale Drills, Etudes.*¹²

1.10 JAMES STAMP (ESTADOS UNIDOS, 1912 – 2005)

James Stamp foi um dos principais pedagogos a utilizar exercícios de vibração dos lábios e de vibração com o bocal, como forma de aperfeiçoar, ajustar e ganhar controle sobre a embocadura. Iniciou a sua carreira como instrumentista profissional aos dezesseis anos, na *Mayo Clinic Band, em Rochester, Minnesota*. Mais tarde, foi escolhido para exercer a função de primeiro trompetista na *Minneapolis Symphony Orchestra*, onde atuou durante dezessete anos sob a direção de regentes notórios como Ormandy e Mitropoulos.

Durante o ano de 1944, Stamp mudou-se para a Califórnia, onde atuou como instrumentista em programas de rádio, estúdios de cinema e de televisão. Começou a se dedicar ao ensino do trompete após um ataque cardíaco. Após esse acontecimento decidiu abandonar sua carreira de instrumentista sinfônico.

Stamp participou de um estágio de verão na Suíça como professor de trompete, onde estava presente o editor Jean-Pierre Mathez, que editava e publicava música para instrumentos da família dos metais. Impressionado com a estratégia de ensino de Stamp, Mathez sugeriu a publicação de suas concepções, e assim surgiu o livro *Warm-Ups + Studies*. A metodologia, impressa no referido livro, demonstra a apreensão do autor pelo desenvolvimento do instrumentista, abordando vários aspectos indispensáveis do trompete (COELHO, 2013, p. 32).

1.11 WILLIAM VACCHIANO (ESTADOS UNIDOS, 1912 – 2005)

William Vacchiano iniciou seus estudos de trompete aos doze anos. Pouco tempo depois, juntou-se à *Portland Symphony* e atuou também pela *242nd Coast Artillery Band*. No ano de 1931 a 1935, Vacchiano estudou na *Julliard School*, então chamada de *Institute of Musical Art*.

Vacchiano foi um dos primeiros trompetistas americanos de renome a utilizar um instrumento afinado na afinação em Dó (até então, o trompete padrão utilizado nas orquestras norte-americanas era afinado em Si bemol). Foi o primeiro trompetista da *New York Philharmonic* por trinta e um anos e lecionou na *Juilliard School*. Foi membro do corpo docente da *Juilliard* de 1935 a 1998 e professor emérito de 1998 a 2002. Ensinou cerca de dois mil alunos, dentre eles Wynton Marsalis, Miles Davis, Gerard Schwarz, Charles Schlueter e Philip

¹² Disponível em: <<http://ojtrumpet.net/schlossberg/>>. Acesso em: 05 out. 2020.

Smith, que também foi trompetista principal da *New York Philharmonic* por vários anos. Também publicou uma série de livros didáticos e projetou uma linha de bocais para trompete¹³.

1.12 CHARLES SCHLUETER (ESTADOS UNIDOS, 1939)

Schlueter foi aluno de William Vacchiano e graduou-se na *Juilliard School* sob orientação do mesmo. A sua primeira influência deu-se pela tradição russa, oriunda do seu curso de bacharelado com o professor Vacchiano. A segunda influência, recebeu do trompetista francês Roger Mager, através das gravações e da inclinação por trompetes com calibres maiores. O contato com essas diferentes escolas possibilitou ao professor Schlueter formar, ao longo de sua história, uma concepção própria da arte de se tocar trompete, proveniente de sua formação e pelas influências de trompetistas que o precederam na *Boston Symphony Orchestra* (RONQUI, 2010).

Charles Schlueter atuou como primeiro trompetista da *Boston Symphony Orchestra* durante vinte e seis anos ininterruptos (de 1980 a 2006), sendo o único a alcançar essa marca na dita orquestra, além de pertencer ao quadro docente do *New England Conservatory*, do *Tanglewood Music Center*. Suas concepções técnicas e artísticas influenciam, até os dias de hoje, vários trompetistas do Brasil. Sobre a influência de Schlueter nos trompetistas brasileiros, Maico Lopes atesta:

Dentre os nove professores doutores existentes no país, sete são seguidores de suas concepções. São eles: Nailson Simões – Professor na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO; Heinz Schwebel – Professor na Universidade Federal da Bahia – UFBA; Ayrton Benk – Professor na Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Glaucio Xavier – Professor na Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Joatan Nascimento – Professor na Universidade Federal da Bahia – UFBA; Antonio Marcos Cardoso – Professor na Universidade Federal de Goiás – UFG; e Paulo Ronqui – Professor na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Os outros doutores atuantes no país são o professor Sérgio Cascapera, da Universidade do Estado de São Paulo – USP e o professor Carlos Sulpicio, da Escola Municipal de Música de São Paulo. (LOPES, 2012, p.16)

O Prof. Dr. Nailson Simões, recentemente aposentado da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), foi o primeiro trompetista brasileiro a obter o título de Doutor em Música e Artes no ano 1991, orientado por Schlueter.

1.13 NAILSON SIMÕES (BRASIL, 1956)

Nailson Simões possui Bacharelado em Música (especialidade em trompete) pela Universidade Federal da Paraíba (1983), Mestrado em Música (especialidade em Trompete pelo

¹³ Disponível em: <<https://playbill.com/news/article/2920.html>>. Acesso em 21 fev.2021.

New England Conservatory of Music em 1986) e Doutorado em Música e Artes pela *Catholic University Of America* (1991). Ambos os títulos obtidos nos Estados Unidos foram sob orientação do professor Charles Schlueter.

O ensino e pesquisa acadêmica sobre trompete no Brasil passou a crescer a partir das duas últimas décadas do século XX. Muito se deve aos trompetistas brasileiros e à atuação de Nailson Simões, que foi o mentor de muitos deles. Desde então, diversos trompetistas foram estimulados a concluírem sua formação acadêmica, fato que culminou num expressivo número de professores de trompete com a formação de Mestrado e Doutorado¹⁴.

Ao voltar para o Brasil, Nailson iniciou uma atividade pioneira e inovadora sobre interpretação e técnica do trompete. Em consequência dos seus esforços, ocorreu uma disseminação da escola de trompete de Boston em quase todo o território nacional.

Foi membro de diversas orquestras pelo Brasil, dentre elas: Orquestras Sinfônicas de Recife (PE), Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (SP), Orquestra Sinfônica da Paraíba e Filarmônica do Norte-Nordeste (PB). Foi fundador do Quinteto Brassil (1980), e da Associação dos Trompetistas do Brasil (ATB) no ano de 1990, sendo presidente da entidade durante três gestões.

O professor fez parte do quadro de diretores da *International Trumpet Guild* (ITG), entre os anos de 1999-2001. Foi músico da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas (SP), membro do Art Metal Quinteto, da Banda Anacleto de Medeiros e do Grupo de Trompetes da UNIRIO, onde realizou amplo trabalho camerístico. Paralelamente, desenvolve atividades como solista.

Participou de apresentações e gravações com nomes consagrados, ofertou masterclasses e recitais nos principais festivais de música do país. Com o Quinteto Brassil, lançou três CDs, além do primeiro CD para trompete solo e piano no Brasil pela Academia Brasileira de Música. Em sua discografia figuram os seguintes álbuns: Sempre Anacleto, Sempre Chiquinha, Trompete Solo Brasil¹⁵.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.trompeteonline.com.br/artigo/o-trompete-e-a-pesquisa-no-brasil>>. Acesso: 22 fev.2020.

¹⁵ Disponível em: <<http://espacodotrompete.blogspot.com/2012/08/nailson-simoes.html>>. Acesso em 22 fev.2020.

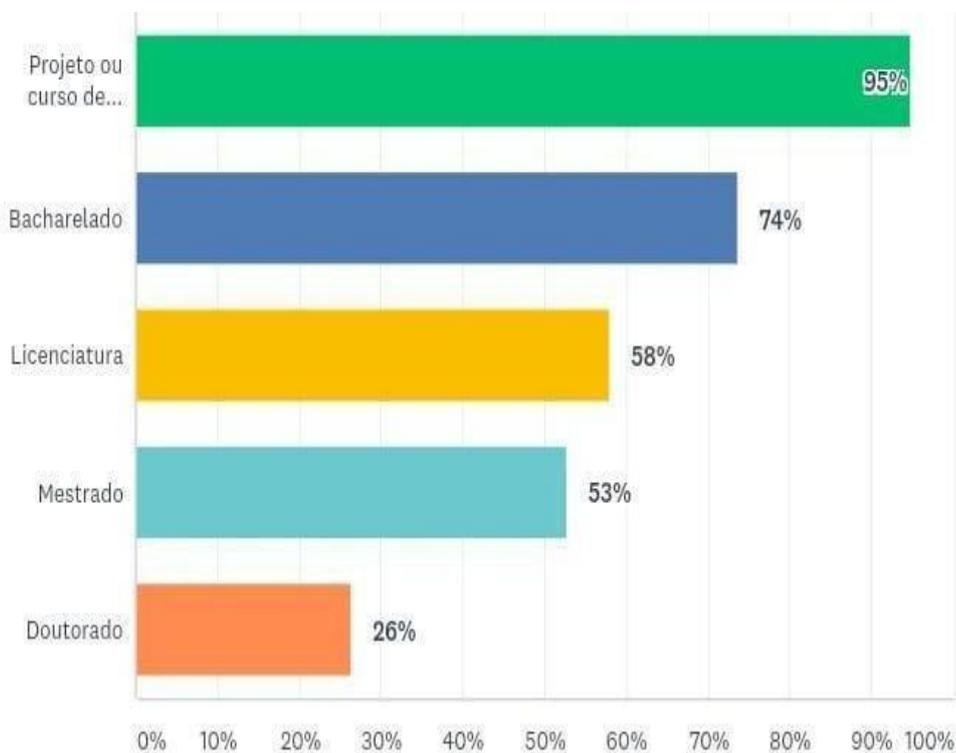
2. O ENSINO DO TROMPETE EM NÍVEL INTERMEDIÁRIO COM BASE NA OPINIÃO DOS PROFESSORES DE UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

O procedimento utilizado nesta etapa da pesquisa foi a análise de um questionário on-line aplicado aos professores de trompete das universidades brasileiras. O recurso utilizado foi a ferramenta *Survey Monkey*, na qual se realizou perguntas relacionadas ao nivelamento dos trompetistas. Neste capítulo, faz-se a exposição dos dados obtidos.

2.1 MODALIDADES DE ENSINO E GRAUS ACADÊMICOS DE ATUAÇÃO DOS RESPONDENTES

Os professores respondentes têm atuações em uma ou mais modalidades dentro da esfera acadêmica, conforme a figura a seguir:

Figura 2. Modalidades de atuação dos professores respondentes



Ao realizar a pesquisa, obteve-se um total de 19 respondentes atuantes em diversos contextos acadêmicos no Brasil como extensão universitária, licenciatura, bacharelado e pós-graduação.

O gráfico indica que 95% dos professores atuam em projetos ou cursos de extensão, em um total de 18 professores. 74% dos respondentes (14 professores) atuam em cursos de Bacharelado. Em cursos de licenciatura, observa-se um total de 11 professores atuantes, o que

corresponde a 58% dos respondentes. O número de docentes atuantes em cursos de mestrado é próximo da licenciatura, com 10 professores (53%). Por último, com 26% e no total de 5 respondentes, observa-se o número de docentes atuantes em cursos de Doutorado.

Ao analisar os resultados, percebe-se que alguns professores respondentes atuam em mais de uma modalidade como apresenta a tabela a seguir.

Tabela 1: Modalidade de atuação dos respondentes

Respondentes	Modalidades
Quinto e Décimo sexto	Projetos ou cursos de extensão
Primeiro	Bacharelado e mestrado
Terceiro, décimo quarto e o décimo quinto	Projetos ou cursos de extensão e licenciatura
Quarto	Extensão universitária e bacharelado
Sexto, décimo segundo e décimo nono	Projetos ou cursos de extensão, licenciatura e bacharelado
Sétimo e oitavo	Projetos ou cursos de extensão, bacharelado e mestrado
Segundo	Projetos ou cursos de extensão, bacharelado, mestrado e doutorado
Nono e décimo terceiro	Projetos ou cursos de extensão, licenciatura, bacharelado e mestrado projetos ou cursos de extensão, licenciatura, bacharelado e mestrado
Décimo oitavo	Projetos ou cursos de extensão, bacharelado, mestrado e doutorado
Décimo e o décimo sétimo	Projetos ou cursos de extensão, licenciatura, bacharelado, mestrado e doutorado.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor.

Vale ressaltar que, além dessas modalidades, o oitavo respondente declarou que realiza um trabalho de curso técnico em sua instituição, conforme atesta na segunda resposta do questionário.

2.2 O TROMPETISTA AMADOR

De acordo com o dicionário Michaelis, amador, “é aquele que se dedica a algo não por profissão, mas por diletantismo; diletante”¹⁶.

¹⁶ Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=amador>>. Acesso em: 05 mar.2021.

O terceiro respondente pondera que um trompetista amador proficiente seria aquele que toca relativamente bem as partes de primeiro trompete, por exemplo, em sua banda de música¹⁷ além de ter um bom domínio da tessitura (pelo menos até o Dó 5), e uma bela sonoridade¹⁸ na região grave, por exemplo, abaixo do Dó 3¹⁹. Considerou-se indispensável que se cultive uma boa resistência para tocar concertos em público, seja com banda sinfônica, roda de choro ou outros grupos.

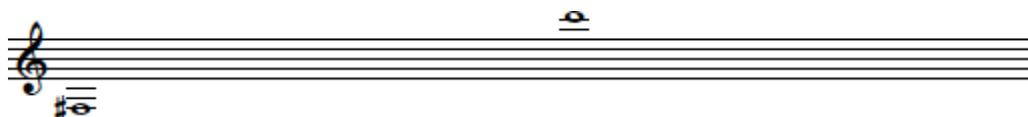
Figura 3: Fá# 2, Dó 3 até o Dó 5, tessitura útil para o trompetista amador proficiente, de acordo com o terceiro respondente



Fonte: Elaborada pelo autor.

O décimo respondente vê o músico amador de acordo com os seus objetivos como trompetista. Se o objetivo é tocar no almoço de domingo da família e ele o alcança, pode se considerar exitoso no que se propôs a fazer. Para o décimo primeiro respondente, o músico amador demonstra conhecimentos sobre escalas básicas e arpejos, com uma leitura razoável de partitura e cifra, e que possui uma extensão do Fá sustenido 2 até o Ré 5, conforme a figura a seguir:

Figura 4: Fá# 2 ao Dó 5, extensão citada pelo décimo respondente.



Fonte: Elaborada pelo autor.

O décimo segundo respondente alega que um bom trompetista, amador ou profissional, é aquele que busca o cumprimento da missão artística que lhe é atribuída. O décimo quinto respondente considera que tal perfil passou por experiências em diversos contextos, como

¹⁷ No Brasil existem 3.039 bandas de músicas. Os cadastros dessas bandas estão localizados no site da Funarte sendo divididos por regiões (norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul). Disponível em: < <https://www.funarte.gov.br/projeto-bandas-2/> >. Acesso em: 25 mar.2021.

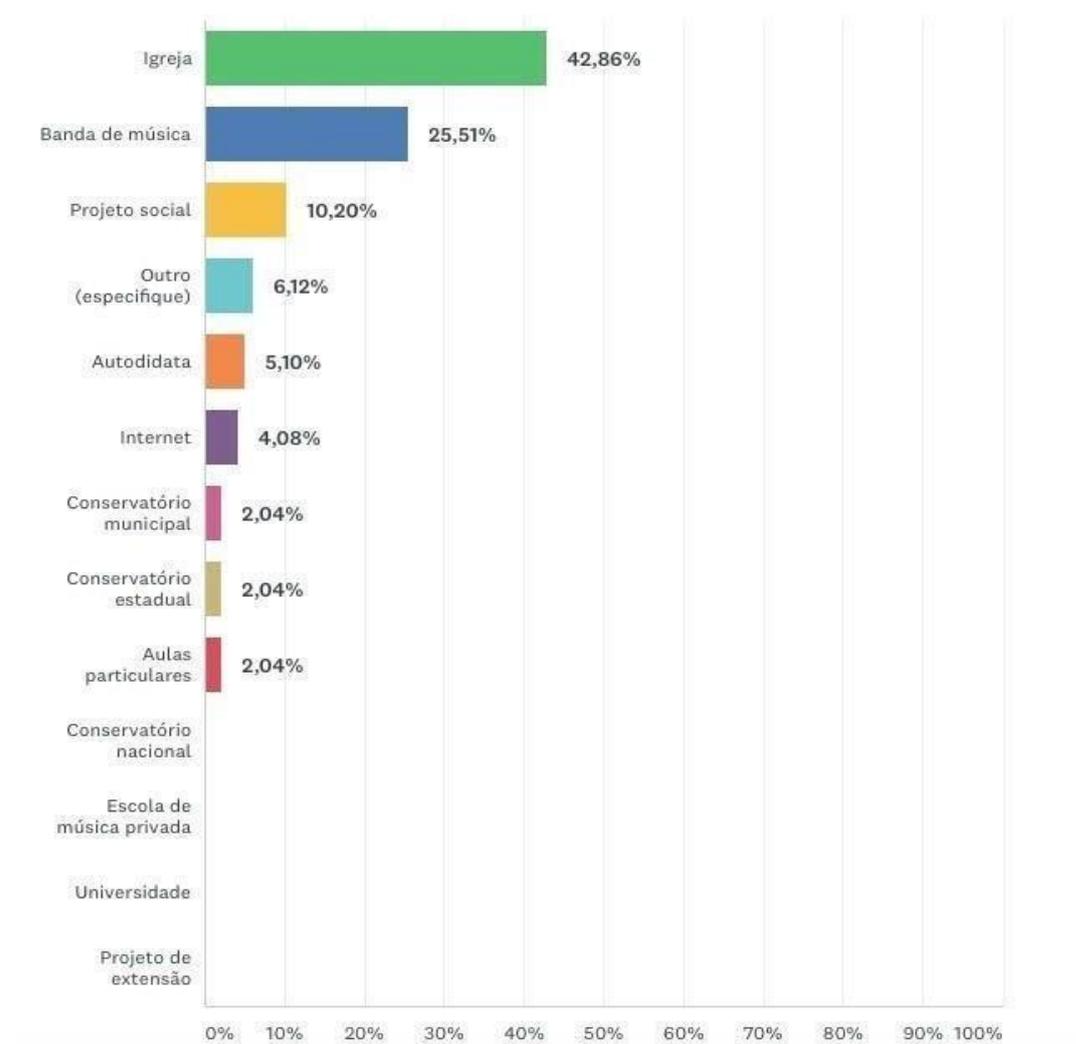
¹⁸ A ideia de beleza do som é algo subjetivo e está baseada na interpretação individual. Mesmo assim, existe uma percepção do que seria uma sonoridade rica em harmônicos, por exemplo (nota do autor).

¹⁹ Na escola geral, possuem a altura exata de 97 sons (sem auxílio da pauta ou armadura de clave). A numeração das oitavas se inicia através da nota Dó mais grave, sendo assim, todas as notas recebem uma numeração de acordo com a sua oitava. O Dó central que se localiza bem no meio da escala é chamado de Dó 3 no Brasil e na França, diferente de outros países como os Estados Unidos e Alemanha onde Dó central é visto respectivamente como Dó 4 e Dó 1.

bandas de música, bandas marciais, orquestras de baile e outros grupos, e esclarece que o trompetista profissional é aquele que tem uma formação sólida no instrumento. Já o trompetista amador, precisa se aprimorar e se especializar para que tenha argumentos musicais suficientes para ministrar aulas e colaborar no contexto musical e educacional onde se insere.

Por exemplo, em recente pesquisa realizada pelo Prof. Érico Fonseca com internautas que acessam videoaulas publicadas em seu canal no YouTube, demonstrou-se em quais espaços e locais parte desse público iniciou seus estudos. Tal coleta de dados ocorreu entre janeiro de 2017 e abril de 2020. Nota-se que existem diversos tipos de escolas, das quais emergem músicos amadores e profissionais:

Figura 5: Inicialização dos trompetistas



Fonte: FONSECA, Érico²⁰.

²⁰ Pesquisa realizada com internautas do canal YouTube do Professor Érico Fonseca. Dicas sobre trompete. Disponível em: <<https://www.surveymonkey.com/results/SM-DSYQVWSZL/>>. Acesso em 03 abr.2020.

Com base nas respostas obtidas, observa-se que o trompetista amador deve se divertir tocando e ter um domínio técnico básico, boa sonoridade e que possa executar escalas e arpejos básicos, diferenciar articulações, dinâmicas e estudar conceitos técnicos como flexibilidade, entre outros. A respeito de tonalidades básicas, Dario Sotelo, recomenda que:

Tendo em vista a natureza de construção acústica dos instrumentos de sopro, recomenda-se que para os níveis 1, 2 e 3 haja apenas de 1 a 5 bemóis, distribuídos nos níveis correspondentes: Ao iniciar o uso de sustenidos e suas tonalidades a partir do nível 4, podemos também supor que obras não tonais utilizem a técnica de acidentes ocorrentes, observando-se a extensão já recomendada para o instrumento específico (SOTELO, 2008, p. 39).

O décimo sétimo respondente não recomenda a utilização do trompete, pois, em sua visão, é um dos mais difíceis instrumentos para se tocar amadoristicamente, devido aos problemas de resistência ocasionados pela falta de uma prática diária, o que acarreta problemas de afinação e sonoridade.

2.3 EXPERIÊNCIAS DOS RESPONDENTES COM MÚSICOS AMADORES

As experiências dos professores com alunos amadores ocorreram com músicos de diversos graus de expertise, desde os níveis iniciante, básico, intermediário até estudantes que desejavam se tornar profissionais.

O primeiro professor que participou do questionário on-line apontou experiências com músicos de diversos graus de expertise, do iniciante que teve o seu primeiro contato com o instrumento, até trompetistas com maior experiência em performance.

O terceiro respondente ensinou trompete a crianças de oito a doze anos de idade em seus primeiros anos de aprendizagem do instrumento. Também trabalhou com adolescentes, jovens e adultos que tinham o trompete como *hobby* em diversos níveis. Alguns desses jovens foram musicalizados pelo respondente e outros já tocavam em banda de música antes de se tornarem seus alunos.

O sétimo respondente relatou que o seu contato com músicos amadores ocorreu em projetos de extensão²¹ O décimo quarto professor relatou que, no curso de graduação, não considera seus estudantes como músicos amadores, pois deduz que tenham interesses em se

²¹ A extensão universitária, que representa a abertura da universidade para a comunidade não acadêmica, é um dos três pilares que sustentam tais instituições, ao lado do ensino superior e da pesquisa científica. Os projetos de extensão, ampliam a atuação do campus universitário para além das salas de aula, oferecendo oportunidades para a comunidade onde a universidade se insere, interagindo e transformando a realidade social.

profissionalizar. Mas, na extensão sim, muitos dos estudantes são de outros cursos da universidade e ainda da comunidade em geral, sem pretensões profissionais com a música. Ali se encontram alunos com graus de expertise variados, desde alunos iniciantes até excelentes músicos.

O décimo terceiro respondente opina que os músicos amadores, geralmente, são apaixonados pelo trompete, desde iniciantes até intermediários. No caso do décimo quinto respondente, alega-se que, os músicos amadores com quem trabalhou, possuem um bom nível como instrumentistas. Na maioria dos casos, eles têm maior conhecimento do repertório popular, como o choro. Poucos destes alunos apresentaram, por exemplo, conhecimentos sobre o método de J. B. Arban.

2.4 O ESTUDANTE DE TROMPETE EM NÍVEL INTERMEDIÁRIO

Diversas características giram em torno do que se entende como nível intermediário no ensino do trompete. O terceiro respondente, por exemplo, alegou: “[...] o próprio termo intermediário é auto explicativo, pois dá a ideia de que o estudante em questão estaria na metade da sua formação”.

O quarto respondente considera que o aluno tenha disposição para trabalhar e desenvolver os fundamentos com um professor experiente, com acesso à literatura do instrumento e dedicando uma parte do seu tempo a estudar repertório paralelamente aos estudos de fundamentos.

Embora o sétimo respondente considere uma tarefa árdua elencar os parâmetros, concorda com os demais professores ao opinar que, de forma geral, é necessário que o trompetista tenha conhecimento e domínio dos fundamentos básicos, controle das articulações, domínio da tessitura básica do instrumento (a partir do Fá sustenido 2 até Sol 4, eventualmente até o Dó 5), entre outros conceitos técnicos, além de vivências e experiências, como tocar em naipes de banda e/ou orquestra.

Figura 6: Fá# 2, Sol 4 até o Dó 5, tessitura básica para o estudante trompetista amador, de acordo com o sétimo respondente.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Para o oitavo respondente, estudantes intermediários são os alunos que saem do curso

técnico, com uma boa leitura, conhecimento do repertório básico e com a capacidade de formular um estudo de rotina.

O décimo terceiro respondente alega que o trompetista em nível intermediário possa ter dificuldades na execução de trechos mais elaborados, tanto na parte técnica, quanto artística. O nono respondente considerou que, além do trompetista não ter disciplina com sua prática, acaba estudando um curto espaço de tempo diariamente, o que acarreta em problemas como: falta de consciência da afinação, dificuldades em se alcançar notas da tessitura aguda, como o Dó 5.

Após concluir os levantamentos do questionário, constatou-se que os docentes esperam que o trompetista seja capaz de tocar escalas e melodias em compassos simples e compostos, possuir noções básicas sobre a história do trompete e o funcionamento físico do instrumento, além da condição em executar estudos oriundos de publicações tradicionais para trompete, como métodos e repertório condizente à classificação do grau intermediário. O décimo sétimo respondente cita como exemplo, o conhecimento da primeira parte dos métodos Arban²² Clarke²³ Kopprasch²⁴.

2.5 DIFERENCIAÇÕES ENTRE O TROMPETISTA INICIANTE, INTERMEDIÁRIO E AVANÇADO.

Para cada nível técnico, são abordados conceitos básicos sobre o aprendizado do trompete. Sendo assim, para o terceiro respondente, o iniciante seria o indivíduo que nunca teve uma lição, que nunca sequer "soprou" o instrumento, mas que porventura, já teria uma noção sobre notação musical. Vê-se também o iniciante como alguém que esteja em seu primeiro ano de aprendizagem. Já o intermediário, é visto como alguém que tem uma vida musical ativa. Já seria praticante do instrumento a um certo tempo, sem necessariamente ser um músico profissional. O trompetista intermediário estaria numa espécie de “ponte” entre a realidade de um músico amador e um estudante que pretende se lançar em uma carreira como profissional. No nível avançado, se abarcaria um estudante que tenha uma técnica ainda aperfeiçoável, mas que se destina a uma profissionalização e que possua ferramentas para acessar repertório representativo como o Concerto de Arutiunian²⁵ ou a Sonata de Hansen²⁶. Sobre aprendizes iniciantes, Fabrício Dalla Vecchia recomenda:

²² *Méthode complète pour cornet à pistons et de saxhorn.*

²³ *Elementary Studies* (para iniciantes), *Technical Studies*, *Characteristic Studies*.

²⁴ *Sixty Selected Studies*.

²⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EY0A20C9HOY>>. Acesso em 02 maio 2021.

²⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bopi6UVvsNU>>. Acesso em 02 maio 2021.

Outra grande obra de destaque é *A Complete Guide to Brass*. Esta foi escrita por Whitener (1997) e enfoca pedagogicamente diversos assuntos pertinentes, especificamente, aos instrumentos de metais, desde as características físicas de construção e funcionamento com suas histórias até técnicas relativas ao desempenho do instrumentista de metal. Esta obra ganha destaque por se tratar diretamente do ensino de alunos iniciantes e enfatizar as primeiras aulas, produção do som, mudança de notas e emissão (ataque) do som, imagem mental e auditiva, respiração, dentre outros tópicos condizentes com os primeiros contatos do aprendiz nos instrumentos de metal. (VECCHIA, 2008, p. 22)

O quinto respondente, por exemplo, diz que o tempo de estudo e os objetivos com o trompete são fatores que diferenciam esses níveis. A seguinte alegação de Paulo Baptista comunga com tais fatores:

O tempo de estudo é outro ponto importante a ser destacado. Para o iniciante, 30 minutos diários serão suficientes e, à medida que se desenvolve e adquire resistência muscular, poderá aumentá-lo gradativamente. Os iniciados e avançados deverão aumentar a carga de trabalho de acordo com as orientações do professor. (BAPTISTA, 2010, p. 20)

O sétimo respondente acredita que a experiência musical seja um dos elementos mais importantes, pois a partir dela, se direciona o trabalho de manutenção e desenvolvimento técnico.

Alguns aspectos foram listados pelo nono respondente na seguinte ordem, como demonstra a tabela abaixo:

Tabela 2: Elaborada pelo autor sobre aspectos que diferenciam trompetistas intermediários de avançados, segundo o nono respondente

Experiência de vida
Conscientização no uso dos aspectos musicais
Afinação
Segurança durante a prática
Expressão Musical

Fonte: Tabela elaborada pelo autor.

O décimo primeiro respondente elencou os fatores que ajudam na diferenciação dos níveis iniciante para o intermediário como mostra a tabela a seguir:

Tabela 3: Elaborada pelo autor sobre as diferenças do trompetista iniciante e intermediário pelo décimo primeiro respondente

Tessitura
Leitura à primeira vista
Solfejo
Sonoridade
Afinação
Articulação
Dinâmica
Conhecimento histórico
Interpretação
Improvisar

Fonte: Tabela elaborada pelo autor.

O décimo respondente, junto ao décimo terceiro e décimo quarto respondentes, apregoam que o trompetista avançado teria consciência das habilidades que precisa desenvolver e como desenvolvê-las, maior consistência na performance e nos estudos, além de noção das possibilidades interpretativas e expressivas.

O décimo quinto respondente atesta que, no curso de graduação, pode se surpreender com o nível de um aluno iniciante. O fato de ser iniciante no instrumento, não significa que não toque bem, mas sim que ainda precisa se aprofundar nos estudos de aspectos importantes em um curso inicial de trompete, como os fundamentos de base. O indivíduo em nível intermediário se encontraria um pouco mais adiantado, pois já teria concluído algumas etapas precedentes do curso. A seguinte ponderação de Fabrício Vecchia, dialoga com as observações do décimo quinto respondente:

[...] acreditar no desenvolvimento do aluno somente através da prática não basta, pois, muitos iniciantes têm inúmeras dificuldades técnicas, por vezes, simples de resolver se houver a indicação do professor. Por exemplo, manter a coluna de ar contínua pode ser uma indicação que melhore a sonoridade do aluno. Sendo assim, acredita-se que seja necessário que os fundamentos, aqui estudados, devam ser trabalhados em um processo de ensino-aprendizagem da maneira apresentada acima no roteiro do tutorial, com o objetivo de dar uma formação técnica adequada a alunos iniciantes. (VECCHIA, 2008, p. 107)

O quinto docente considera um trompetista avançado como, em sua grande maioria, alguém com um preparo superior ao intermediário. Diante disso o indivíduo já teria estudado e assimilado uma parte essencial da literatura do trompete. Já o estudante intermediário, encontra-se em processo de formação e deverá passar por várias atividades que o tornarão um trompetista

avanzado. Sobre literatura adequada, Paulo Cesar Baptista exemplifica:

Seguimos aqui um roteiro para estudar Arban, pois apesar desses 145 anos ainda há desconhecimento por parte de estudantes e professores na utilização desse método. Indicamos esse método para alunos de nível médio e avançado, pois seus estudos iniciais possuem notas, como o Sol 4, por exemplo, que não pertencem à tessitura da maioria dos alunos iniciantes. (BAPTISTA, 2010, p. 30)

Segundo o autor supracitado, a nota Sol 4 não pertence mais à tessitura da maioria dos alunos iniciantes em trompete. Portanto, sugere-se o método Arban como material didático a ser utilizado durante a transição do nível intermediário para o avançado.

2.6 TESSITURA NO ENSINO E APRENDIZAGEM NO TROMPETE

Alguns respondentes sugerem que os primeiros estudos comecem nas tessituras média e grave. O quarto respondente sugeriu que se começasse na região média e que fosse expandida para a região grave e aguda do trompete, simultaneamente. O quinto respondente acredita que a tessitura depende do nível de expertise. Segundo o mesmo, os trompetistas deveriam buscar compreensão dos fatores necessários ao seu desenvolvimento e cita como exemplo o posicionamento da língua e a abertura labial.

O décimo segundo respondente atesta que o processo de aperfeiçoamento da tessitura depende de uma série de fatores. Muitas variáveis intervenientes podem aparecer durante o percurso. Sendo assim, alunos diferentes, mas que estão em um mesmo curso, matriculados na mesma etapa ou fase, que possuem a mesma idade e o mesmo tempo de estudo, necessitarão de diferentes aproximações. Nestes casos, seria necessário um atendimento individual, com cautela.

Para o décimo quarto respondente, a iniciação ao instrumento deveria ser feita através do estudo das sete posições no registro grave (Fá sustenido 2 ao Dó 3).

Figura 7: Fá# 2 até o Dó 3, tessitura das primeiras posições no registro grave, conforme apontamentos do décimo quarto respondente



Fonte: Elaborada pelo autor.

Após duas semanas, se ampliaria para o próximo registro (Dó sustenido 3 ao Sol 3).

Figura 8: Dó# 3, Sol 3, ampliação do registro, conforme apontamentos do décimo quarto respondente

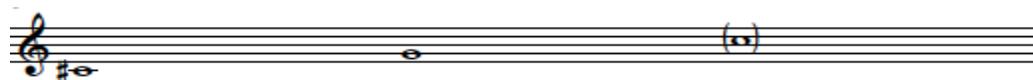


Fonte: Elaborada pelo autor.

Esse seria, de acordo com o professor, o alcance de um aluno iniciante. Depois, é necessária a progressão contínua, que depende de cada aluno.

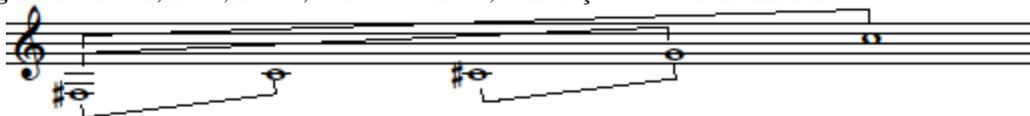
Espera-se que haja desenvoltura até o próximo harmônico (Dó 4).

Figura 9: Dó# 3, Sol 3 até o Dó 4, conforme apontamentos do décimo quarto respondente



Fonte: Elaborada pelo autor.

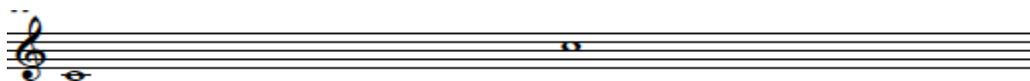
Figura 10: F#2, Dó 3, Dó# 3, Sol 3 até o Dó 4, construção da tessitura iniciante



Fonte: Elaborada pelo autor.

Já o décimo quinto respondente, alega que o iniciante deveria começar de baixo, sendo a região do Dó 3 até o Dó 4, sem elevar a tessitura, pois o processo de consolidação da extensão útil é demorado. Isso envolve uma série de estudos, até que se possa atingir o nível avançado com total domínio da tessitura do trompete. A seguinte ilustração, exemplifica os apontamentos do quinto respondente:

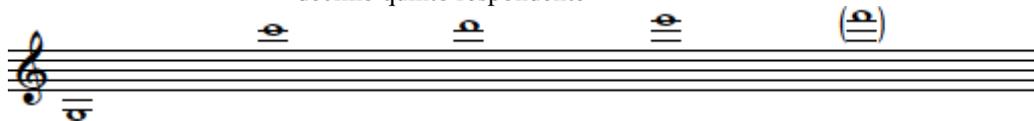
Figura 11: Dó 3 até o Dó 4, tessitura do iniciante segundo o décimo quinto respondente



Fonte: Elaborada pelo autor.

Uma vez adquirida certa experiência, se poderia explorar os registros graves do instrumento, do Sol 2 até o Dó 5, Ré 5, Mi 5 e, eventualmente, até o Fá 5.

Figura 12: Sol 2, Dó 5, Ré 5, Mi 5 e Fá 5, tessitura para um trompetista experiente, de acordo com o décimo quinto respondente

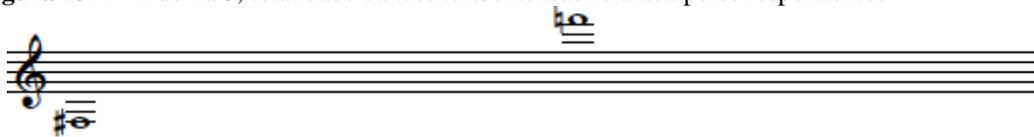


Fonte: Elaborada pelo autor.

Para o décimo nono respondente, a tessitura dependerá do tipo de repertório no qual se especializará, tendo em vista que se desenvolve com o passar do tempo.

A totalidade de tessitura/extensão relatada pelos professores começa no Fá sustenido 2 e se estende até o Fá 5 como é ilustrado a seguir:

Figura 13: F# 2 ao Fá 5, totalidade da tessitura/extensão relatada pelos respondentes



Fonte: Elaborada pelo autor.

A tessitura está dentro da extensão, representada pelas notas que são exequíveis ao instrumento, com qualidade e conforto, tanto na região grave quanto na região aguda. A tessitura, por diversos momentos, é confundida com extensão, porém, são coisas diferentes. A extensão é toda sonoridade que se consegue emitir, desde os graves até os agudos, independente da qualidade do som tal como no canto.²⁷

2.7 PUBLICAÇÕES HABITUAIS PARA O NÍVEL INTERMEDIÁRIO

O terceiro respondente exemplificou as publicações que se utilizam de uma tessitura limitada, não necessariamente na região grave ou aguda do trompete. Porém, evitaria sugerir obras com notas acima do pentagrama e com armaduras de clave com mais de quatro bemóis ou sustenidos, mas isso não seria um fator excludente.

De acordo com o quinto respondente, o repertório deve ser adequado às

²⁷ Extensão Vocal, Tessitura e Classificação Vocal: Como Esses Temas Podem Lhe Ajudar? Descubra Disponível em: <auladecantohoje.com>. Acesso em: 19 mar.2021.

necessidades/habilidades do aluno. O pensamento do sétimo respondente é semelhante, pois alega que tal repertório deveria respeitar as limitações do instrumentista.

O décimo segundo respondente atesta que, apesar da indefinição do que significa nível intermediário no Brasil, são publicações que não estão no topo dos programas ou editais das audições orquestrais e das universidades.

O décimo terceiro professor enfatiza a utilização de trompetes de maior calibre (afinações em Si bemol e Dó)²⁸, além de estimular a execução de obras originalmente compostas para o Cornet, obras brasileiras e transcrições de todos os períodos, sempre respeitando as possibilidades de cada estudante.

Conforme alega o décimo quarto respondente, o repertório para nível intermediário, tem de contribuir para que o estudante aprimore as qualificações, competências técnicas e interpretativas já adquiridas, bem como, um primeiro contato com novas técnicas em nível crescente de dificuldade. Enquanto na fase inicial, o aluno tem sempre um primeiro contato com determinadas técnicas para execução do repertório para o instrumento, no repertório de nível intermediário, é preciso uma avaliação prévia do professor, na tentativa de identificar obras que representem um desafio alcançável para o aluno. As publicações sugeridas pelos respondentes são:

²⁸ [...] o trompete possui aproximadamente, 100 polegadas é apenas para cálculo de afinação e aumento do tamanho do tubo. Pois, o Trompete em Sib possui comprimento teórico total de 1,475 metros; o Trompete em Dó possui 1,314 metros; o Trompete em Ré possui 1,171 metros; o Trompete em Mib possui 1,105 metros; o Trompete Piccolo em Sib ou em La possui aproximadamente 0,737 metros. (CASCAPERA, 1992, p. 23-44 apud BELTRAMI, 2008, p. 42).

Tabela 4: Publicações habituais para nível intermediário mencionadas pelos respondentes

Compositor/autor	País, anos de nascimento e falecimento	Título da obra/publicação	Duração da obra
Leroy Anderson	Estados Unidos (1908–1975)	Trumpet Lulaby (1949)	2'52
Oswaldo Lacerda	Brasil (1927–2011)	Rondino (1974)	1'30
Oswaldo Lacerda	Brasil (1927–2011)	Cançoneta (1995)	3'00
Oswaldo Lacerda	Brasil (1927–2011)	Pequena Suíte (1983)	5'00
Joseph Guy Ropartz	França (1864–1955)	Andante and Allegro (s.d.)	5'09
Leonard Bernstein	Estados Unidos (1918–1990)	Rondo for Lify (1950)	1'30
Eugene Bozza	França (1905–1991)	Lied (1976)	2'15
George Frideric Handel	Alemanha (1685-1759)	Concertino (s.d.)	9'11
Arcangelo Corelli	Itália (1653–1713)	Sonata for Trumpet (s.d.)	5'30
Lars-Erik Larsson	Suécia (1908–1986)	Concertino para Trompete e Orquestra a Cordas, Op. 45 No. 6 (1957)	6'22
Francis Thomé	França (1850–1909)	Fantaisie (1902)	5'11
Jean Hubeau	França (1917–1992)	Ária com variations (s.d.) ²⁹	X
Reginaldo Caffarelli	? (1891–1960)	100 Melodic Studies in Transposition for Trumpet and other related Brass Instruments (1957)	X
Guillaume Balay	França (1871–1943)	Méthode Complète pour Cornet à Pistons (s.d.)	X
Joseph Jean-Baptiste Laurent Arban	França (1825–1889)	Méthode Complète pour Cornet à Pistons et Saxhorn (1864)	X

Fonte: Elaborada pelo autor.

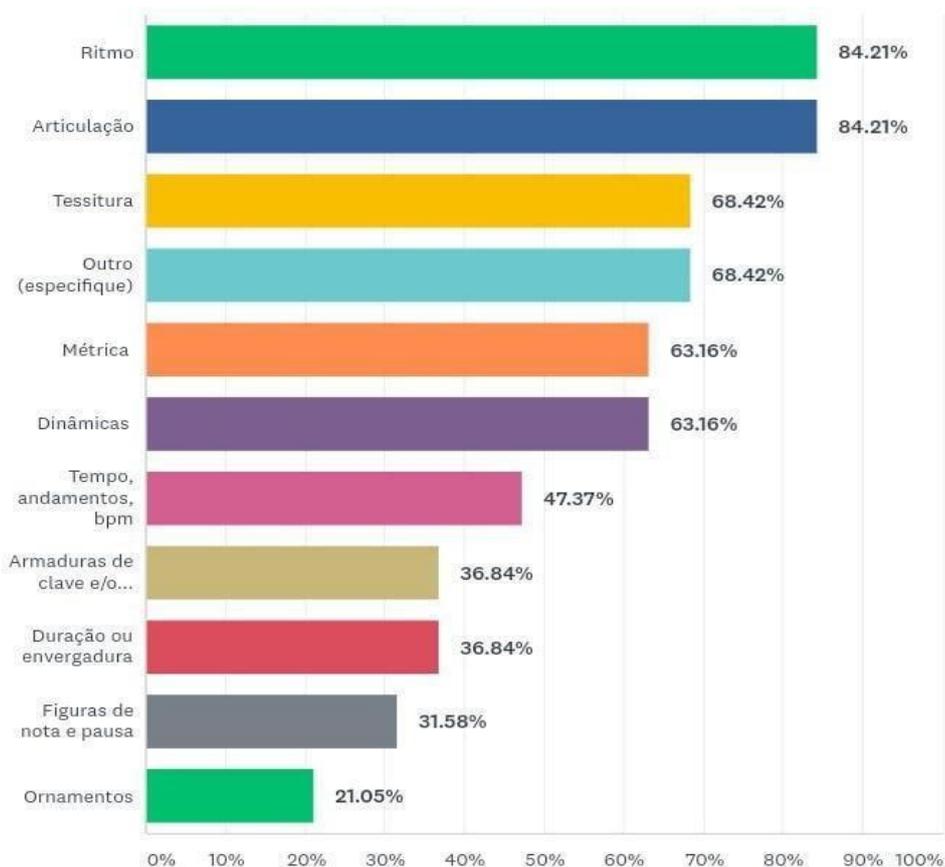
No quadro supracitado observa-se três obras brasileiras, todas elas do compositor Oswaldo Lacerda. Há, no quadro, duas peças do período barroco que foram transcritas para a literatura do trompete Sib (Handel e Corelli). Observa-se que, a grande maioria dessas obras foi publicada, predominantemente, na primeira metade do século XX, ou seja, poucas são composições atuais.

²⁹ O idioma do título da obra é provavelmente o francês: “*Air avec variations*”. Existe uma peça de Jean Hubeau com nome semelhante, porém para clarinete. Existe também uma transcrição de Handel chamada *Aria com Variazioni*, inclusive, gravada por Philip Smith, ex-primeiro trompetista da Orquestra Filarmônica de Nova Iorque (nota do autor).

2.8 RECOMENDAÇÕES DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS

Os respondentes elencaram aspectos técnicos a serem observados, ao recomendarem certos objetos de estudo para o aluno, como demonstra a seguinte figura:

Figura 14: Aspectos técnicos observados para recomendação do material de estudo



Fonte: Elaborada na pesquisa realizada com os professores respondentes.

Outros fatores foram citados pelos respondentes como: estudos de notas longas, flexibilidade, escalas, arpejos, intervalos, sonoridade. Também recomendaram a abordagem de estudos característicos e líricos, interpretação e leitura de cifras.

O terceiro respondente explica suas escolhas a partir da métrica, figuras de nota e pausa, e ritmo, pois deseja averiguar se o estudante toca com precisão rítmica. É observada, também, a execução em certas armaduras de clave e/ou acidentes, pois deseja conferir se o estudante domina as escalas e seus respectivos dedilhados, com bemóis ou sustenidos. A duração das obras executadas também se considera relevante, pois os estudantes, possivelmente, ainda não tiveram a experiência de tocar uma peça longa com piano em uma audição pública. Portanto, ressalta que se deveria incentivar a execução de obras de menor envergadura. A tessitura, ao lado de complexidade rítmica, aparentam ser os aspectos mais importantes na visão do professor, pois boa parte dos estudantes que chegam à universidade ainda não possuem uma

técnica de produção de som suficientemente apurada que lhes permita tocar os agudos com um mínimo de esforço.

O décimo quarto respondente alega que, no caso do Curso de Licenciatura em Música onde atua, não há teste de música para ingresso, apenas a nota do ENEM. O público de entrada no curso é variado, incluindo alunos com conhecimentos prévios e outros sem qualquer conhecimento formal de leitura musical ou instrumentos. Os alunos ingressantes têm acesso à disciplina de Introdução ao Instrumento Melódico - Metais, onde têm um primeiro contato com instrumentos dessa família, em uma turma coletiva e heterogênea. Ou seja, contempla-se diferentes instrumentos da mesma família na mesma turma. Desta forma, é preciso introduzir o aprendizado, que ocorre através de um método específico que ele mesmo criou. Na publicação em questão, o ensino e a aprendizagem são orientados por estratégias oriundas de estudos sobre Metacognição³⁰. Na sequência, através de disciplinas optativas de metais, promove-se, ao longo dos sete próximos semestres, a qualificação dos estudantes a partir de métodos coletivos e específicos de cada instrumento.

2.9 PUBLICAÇÕES ABORDADAS NO PROCESSO SELETIVO

As obras abordadas nos processos seletivos seriam condizentes com a vaga pleiteada, a depender se é para graduação, mestrado ou doutorado. Cabe destacar que algumas das universidades brasileiras não possuem, atualmente, a prova de aptidão específica no instrumento para ingresso em cursos de licenciatura em música.

Para o quarto respondente, a falta do ensino de música gratuito nas escolas de nível secundário impede os estudantes, sobretudo os mais destemidos, de atingirem um nível de performance condizente com a graduação. Esse cenário faz com que, na elaboração dos editais, se contemple obras com nível de dificuldade mais complacente, caso contrário, a reprovação seria inevitável.

No caso do terceiro e do décimo quarto docentes, as instituições onde atuam não aplicam prova específica para o ingresso no atual momento. O segundo respondente não estabelece um repertório padrão, pois, deseja observar o potencial de cada candidato.

O sétimo respondente, além dos cursos de graduação, trabalha com o curso técnico onde são abordadas, nas atividades avaliativas, as seguintes obras e autores:

³⁰ Metacognição, é a consciência de si próprio, conhecendo o seu processo de aprender. Um exemplo pode ser o fato de estar lendo um texto e, ao verificar se compreendeu, percebe-se que não, e com isso você volta a ler novamente.

Tabela 5: Publicações abordadas nas atividades avaliativas de acordo com o sétimo respondente

Compositor/autor:	País, anos de nascimento e falecimento	Título da obra/publicação:	Duração da obra
Leroy Anderson	Estados Unidos (1908–1975)	A trumpeter's Lulabay (1949)	2'52
Joseph Guy Ropartz	França (1864–1955)	Andante et Allegro (1903)	5'09
Joseph Jean-Baptiste Laurent Arban	França (1825–1889)	Estudos do Arban (1864)	X
Franz Joseph Haydn	Áustria (1732–1809)	Não mencionado	X
Théo Charlier	Bélgica (1868–1944)	Não mencionado	X

Fonte: Tabela elaborada pelo autor.

O décimo segundo respondente especificou as provas nas duas modalidades onde atua, a saber, bacharelado em trompete e licenciatura em música, nas quais abordam-se os seguintes autores:

Tabela 6: Publicações abordadas no curso de Bacharelado em trompete, do décimo segundo respondente

Compositor/autor:	País, anos de nascimento e falecimento	Título da obra/publicação:	Duração da obra
Théo Charlier	Bélgica (1868–1944)	36 <i>Études Transcendantes</i> (1926)	±4' por estudo
Joseph Jean-Baptiste Laurent Arban	França (1825–1889)	Estudo Característico nº 1 (1864)	2'50
Franz Joseph Haydn	Áustria (1732–1809)	Concerto para Trompete em Mib (1º e 2º movimentos - sem cadência, 1796)	±9'30
Johann Nepomuk Hummel	Áustria (1778–1837)	Concerto para Trompete em Mib (1º e 2º movimento- sem cadência, 1803)	±14'30

Fonte: Tabela elaborada pelo autor.

Aplica-se, junto às referidas obras, uma leitura à primeira vista.

Tabela 7: Publicações abordadas no curso de Licenciatura em Música, do décimo respondente

Compositor/autor:	País, anos de nascimento e falecimento	Título da obra/publicação:	Duração da obra
Philip Smith	Reino Unido (1952)	Concert Studies for	±3'
Oswaldo Lacerda	Brasil (1927–2011)	Rondino (1974)	1'30
Théo Charlier	Bélgica (1868–1944)	Estudo Característico Nº 1 (1926)	1'40
James L. Hosay	Estados Unidos (1959)	Estudo N. 2 – Canterbury ³¹	2'28

Fonte: Tabela elaborada pelo autor.

³¹ Canterbury é um estudo para trompete de James L. Hosay, publicado em 2001 no livro *Concert Studies for Trumpet* (nota do autor).

Também, no caso da licenciatura, aplica-se uma leitura à primeira vista.

Os demais respondentes não especificaram em qual modalidade as publicações são aplicadas, sendo elas:

Tabela 8: Publicações abordadas nas instituições dos respondentes

Compositor/autor:	País, anos de nascimento e falecimento:	Título da obra/publicação:	Duração da obra:
Franz Joseph Haydn	Áustria (1732–1809)	Concerto em Mi bemol maior – 1º movimento (1796)	6’6
Johann Nepomuk Hummel	Áustria (1778-1837)	Concerto em Mi bemol maior (1803)	18’13
Johann Baptist Georg Neruda	Alemanha (1711-1776)	Concerto em Mi bemol maior (1750)	16’37
Leroy Anderson	Estados Unidos (1908–1975)	A Trumpeter’s Lulabay (1949)	2’52
Alexander Goedicke	Rússia (1887–1957)	Concert Etude, op. 4 (1948)	3’11
Joseph Guy Ropartz	França (1864–1955)	Andante et Allegro (1903)	5’09
Oswaldo Lacerda	Brasil (1927–2011)	Rondino (1974)	1’30
Domingos Raymundo	Brasil (1904-?)	Divagando (1960)	2’30
Francisco Mignone	Brasil (1897–1986)	Cinco Cirandas (1983)	4’50
Théo Charlier	Bélgica (1868–1944)	36 Études Transcendentes (1926)	±4’
Pierre Dutot	França (1946)	Coletânea Trumpet Star (20[00])	X
Roger Voisin	França (1918–2008)	11 Studies for Trumpet (1963)	X
Vassily Brandt	Alemanha (1869-1923)	Estudos característicos (1922)	X
Joseph Jean-Baptiste Laurent Arban	França (1825–1889)	Estudos característicos (1864)	X
Joseph Jean-Baptiste Laurent Arban	França (1825–1889)	Trechos do Méthode Complète pour Cornet à Pistons et Saxhorn (1864)	X

Fonte: Tabela elaborada pelo autor.

Observa-se pela tabela, que são solicitados concertos do período Clássico e Estilo Galante como Haydn, Hummel e Neruda. Nota-se também, três compositores brasileiros³² A

³² Atualmente no Brasil, ressalta-se o trabalho de Gilson Santos. O compositor iniciou seus estudos na Banda da Escola Técnica Estadual Henrique Lage e na Banda Sinfônica do Colégio São Vicente de Paula, na cidade de Niterói – RJ, sob orientação do maestro Josué Moreira Campos. Formou-se em Bacharel em trompete pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Unirio) na classe do professor Dr. Nailson Simões. Durante o curso, escreveu diversos arranjos para grupos de trompete, mas foi em 2009 que compôs sua primeira peça para esta formação: “SeventySpring’s”. Peça estreada no Encontro Internacional de Trompetistas na cidade de Salvador – BA. Na ocasião, a peça foi interpretada por: Dr. Charles Schlueter (1º trompete da Boston Symphony), Mieria Farrés (1º trompete da Orquestra Sinfônica de Barcelona), Dr. Nailson Simões (Professor da Unirio), Dr. Maico Lopes (Professor da Unb), Dr. Joatan Nascimento (Professor da UFBA) e Gilson Santos. Professor de trompete da tradicional Escola de Música Villa-Lobos e músico militar há 18 anos, após 13 anos como solista da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais, afastou-se da função e hoje trabalha como arranjador e compositor residente. Atua no mercado de musicais de teatro há 12 anos, fazendo parte das principais montagens na cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <
<https://painelsec.sesc.com.br/Partituras.nsf/viewCompositores/9F3EE7BD524C227383257D46006A6FCA?Op=nDocument>>. Acesso em: 04 abr.2021.

saber: Lacerda, Raymundo e Mignone. Ressalta-se a inclusão de métodos, coletâneas e cadernos de estudo dos autores Charlier, Dutot, Voisin, Brandt e Arban.

Verifica-se que na instituição do primeiro respondente, solicita-se que escalas menores e maiores sejam executadas de memória no exame de admissão, além de uma obra de livre escolha, acompanhada de leitura à primeira vista. No caso do quinto respondente, é solicitado trechos orquestrais. Na instituição do nono respondente, são solicitados: uma peça de livre escolha, três estudos de métodos e escalas, assim como leitura de primeira vista. O décimo respondente requisita o primeiro movimento de uma sonata ou concerto do período clássico, além de uma composição de autor brasileiro.

Foram citados alguns autores, sem especificações de suas devidas publicações:

Tabela 9: Autores citados sem a obra de acordo com os respondentes

Compositor/autor:	País, anos de nascimento e falecimento
Arthur Honegger	Suíça (1892 – 1955)
Francis Thomé	França (1850 – 1909)
George Enescu	Romênia (1881- 1955)
Anthony Plog	Estados Unidos (1947)
Alexander Grigori Aruntianian	Armênia (1920 – 2012)

Fonte: Tabela elaborada pelo autor.

Observa-se que o domínio técnico e o conhecimento da literatura são os principais fatores para diferenciar um estudante de nível intermediário do iniciante ou avançado.

Após a análise de conteúdo proveniente da opinião dos professores de trompete das universidades brasileiras, espera-se que haja o esclarecimento sobre os parâmetros esperados para classificar o nível intermediário de ensino e aprendizagem do trompete. No capítulo a seguir, o autor deste trabalho sugerirá a confecção de uma tabela de parâmetros técnicos que norteiam a criação de novos materiais didático-musicais e o ensino-aprendizagem do trompete em nível intermediário.

3. PROPOSIÇÕES DE UMA TABELA DOS PARÂMETROS TROMPETÍSTICOS EM NÍVEL INTERMEDIÁRIO

Há no Brasil uma “Tabela de Parâmetros Para Instrumentos de Sopro” voltada para nortear regentes e compositores no cenário das bandas de música e se encontra no livro intitulado Pequeno Guia Prático Para o Regente de Banda (2008). Esta publicação é constituída de quatro artigos dos autores Marcelo Jardim (organizador), Marcos Vinício Nogueira, Dario Sotelo e Hudson Nogueira.

A tabela proposta por Sotelo visa orientar o regente na escolha do repertório, observadas as necessidades e possibilidades da banda, de modo a viabilizar resultados mais satisfatórios durante o aprendizado dos músicos. Segundo Dário Sotelo a tabela:

[...], no Brasil e em grande parte dos países latino-americanos, não é valorizada como uma ferramenta de suporte e direcionamento para o regente de banda e educador musical. Amplamente utilizada pelas editoras de todo o mundo como forma de apresentar a obra musical diretamente ao público a que se destina, tal classificação torna-se uma forte aliada na preparação de um plano de ensino dentro da banda, bem como na própria formação de uma banda mais bem elaborada. O objetivo principal passa a ser o desenvolvimento musical da criança e do jovem, de forma planejada e segura, sem eliminar etapas fundamentais nesse processo (SOTELO, 2008, p. 36).

Observa-se que o autor supracitado ressalta a importância da ferramenta para auxiliar o desenvolvimento do aluno, evitando lacunas fundamentais no processo de aprendizagem.

A Tabela de Parâmetros Para Instrumentos de Sopro é uma adaptação de um projeto educacional de quase meio século nas escolas norte-americanas, como atesta Dario Sotelo:

A primeira consideração a ser feita é que a tabela já existente é parte de um grande projeto de educação musical através de bandas sinfônicas e, que já tem quase um século de história; mesmo assim, transforma-se continuamente. Houve um grande período de experimentação que culminou neste conjunto de experiências, focadas em práticas documentadas ao longo de várias décadas nas escolas públicas norte-americanas, através de pesquisas realizadas por universidades. (SOTTELO, 2008, p. 43).

Dario Sotelo ressalta a importância de considerar que esta tabela foi adaptada para a realidade brasileira e necessita ser testada e comprovada diante ao trabalho das bandas de música que se encontram no Brasil. A seguir, a tabela proposta por Dário Sotelo

Figura 15: Adaptação da Tabela de Parâmetros realizada pelo Dario Sotelo

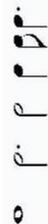
TABELA DE PARÂMETROS TÉCNICOS PARA SOPRO					
Grau	1	2	3	4	5
Métrica	<p>Simples: 2/4, 3/4 e 4/4 Variações métricas mínimas</p>	<p>Inclui: 6/8 uso mínimo de 5, 6, 2 simples 8 4/4, 2/4 Variações métricas fáceis em compasso simples</p>	<p>Inclui: 6/8 e 9/8 Variações métricas fáceis Em compasso simples e composto</p>	<p>Inclui: 3/8, 6/8 e 9/8 Variações métricas Assimétricas</p>	<p>Todas possibilidades métricas, com variações frequentes e complexas</p>
Armaduras de Clave	<p>Bb, Eb, F, com relativas menores e modos, poucos acidentes ocorrentes</p>	<p>Bb, Eb, F, Ab, com relativas menores e modos, alterações cromáticas sutis e mudanças de armadura</p>	<p>Até 5 bemóis e C*, maior uso de alterações cromáticas, mudanças de armadura</p>	<p>Até 6 bemóis* ou 2 sustenidos, uso restrito de politonalidade, maior uso de dissonâncias</p>	<p>Qualquer armadura, Alterações cromáticas frequentes, uso restrito de politonalidade</p>
Tempo (bpm)	<p>Andante-Moderato (72-120), <i>ritard.</i> <i>simples</i>, mudanças mínimas</p>	<p>Andante-Allegro (60-132) <i>ritard.</i>, <i>accel.</i></p>	<p>Largo-Allegro (56-144) <i>rit.</i>, <i>accel.</i>, <i>rall.</i>, <i>allarg.</i>, <i>molto rit.</i></p>	<p>Largo-Presto (40-168) Todos descritores de tempo*</p>	<p>Largo-Prestissimo (40-208) Mudanças frequentes de andamento</p>
Figuras de Nota e Pausa	<p></p>	<p>Inclui: Agrupamentos simples de semicolcheias, 3 quáteras de colcheia e semínima</p>	<p>Inclui: Agrupamentos simples de fisas, sextinas de semicolcheia, uso mínimo de quintinas de semicolcheia</p>	<p>Todas as figuras, tanto em compasso simples quanto composto. Maior uso de agrupamentos assimétricos</p>	<p>Aumento de complexidade, tanto em compasso simples quanto em composto</p>
Ritmo	<p>Ritmos básicos em compasso simples. Uso de pontos de aumento e ligaduras em grau 1,5. Independência a 2 partes.</p>	<p>Rumos básicos em compasso simples, muito simples em composto, sincopas simples em colcheias, independência rítmica até 3 partes</p>	<p>Maior liberdade rítmica em compasso composto, maior uso de sincopas, independência até 4 partes</p>	<p>Todos os ritmos, exceto composto complexo e sincopas complexas de semicolcheias. Independência a 5 vozes</p>	<p>Inclui subdivisões e sincopas complexas, mudanças frequentes, independência em partes múltiplas</p>
Dinâmicas	<p><i>p</i> até <i>f</i>, crescendo e decrescendo breve.</p>	<p><i>pp</i> até <i>ff</i>, crescendo e decrescendo de até 4 compassos, <i>fp</i> simples.</p>	<p><i>pp</i> até <i>ff</i>, crescendo e decrescendo de maior duração, alguns súbitos simples, dinâmicas cruzadas, maior uso de <i>fp</i></p>	<p><i>ppp</i> até <i>fff</i>, crescendo e decrescendo longos, súbitos mais complexos, dinâmicas cruzadas</p>	<p>Todas as dinâmicas, ênfase na complexidade</p>
Articulação	<p>Ataque e articulação básicos (Tab-Dab), ligaduras e acentos, uso mínimo de staccato</p>	<p>Inclui: tenuto, staccato, legato, uso simultâneo de 2 articulações</p>	<p>Inclui: marcato, <i>sf</i>, <i>sfz</i>, uso simultâneo de 3 articulações</p>	<p>Exigências estilísticas maiores: <i>secco</i>, <i>leggero</i>, <i>pesante</i>, <i>portato</i>, <i>frullato</i>, uso simultâneo de 4 articulações</p>	<p>Mudanças frequentes, golpes múltiplos de língua, várias articulações usadas simultaneamente</p>
Ornamentos	<p>Nenhum</p>	<p>Trinados e apoggiaturas de uma nota.</p>	<p>Trinados com apoggiatura de entrada ou saída, apoggiaturas de 2 ou 3 notas</p>	<p>Qualquer uso de apoggiaturas, trinados, grupetos e mordentes, grupetos e mordentes escritos</p>	<p>Maior complexidade e frequência de utilização</p>
Orquestração	<p>Instrumentação reduzida, exposição limitada dos naipes, distribuição de partes por famílias ou tessitura. Mudanças nas vozes por frases.</p>	<p>Instrumentação reduzida, alguns solos para Fl, Cl, Tpt, Sax Alto. Divisão por naipes e independência. Percussão mais exposta, solos com apoio, algum uso de notação contemporânea.</p>	<p>Instrumentação expandida, alguns solos para Ob/Hn/Bar. Divisão por naipes, com maior independência. Solos com apoio. Percussão mais exposta. Incluir piano.</p>	<p>Instrumentação completa. Partes expostas para qualquer instrumento, maior variedade de combinações tímbricas, maior uso do piano como elemento de cor instrumental.</p>	<p>Solos múltiplos, texturas transparentes, contraponto independente. Maior exposição de requinta, corne-ingles e outros instrumentos auxiliares.</p>
Duração	<p>1 a 3 minutos</p>	<p>2 a 5 minutos</p>	<p>2 a 8 minutos</p>	<p>2 a 20 minutos</p>	<p>Qualquer duração</p>
Considerações	<p>Evitar saltos grandes, escrita como tutti do início ao fim e clarmetes ultrapassando a mudança de registro.</p>	<p>Colocar pausas para descanso. Incluir contracantos inteligentes. Manter os músicos em seu melhor registro. Evitar mudanças frequentes.</p>	<p>Evitar uso de C e D, maior uso de flutuações de tempo. Evitar colocar os músicos em registros extremos.</p>	<p>Maior uso de rubato e mudanças repentinas, usar pouco as tonalidades com 6 bemóis sax barítono com chave de Lá grave</p>	<p>Conteúdo é musical e tecnicamente desafiador, mudanças frequentes.</p>
Uso da Percussão	<p>Timpanos opcionais, sem alteração de afinação, sem rulos de caixa, flams simples ok, rulos de prato suspenso ok, ritmos podem estar um nível acima das partes de sopros.</p>	<p>2 timpanos, com tempo para mudanças de afinação. Rulos simples de caixa, rulos em pandeiro, triângulo e bombo ok.</p>	<p>4 timpanos, teclados com 2 baquetas, teclados com exóticos, efeitos mais vassourinha</p>	<p>Teclados com 4 baquetas, efeitos mais exóticos, vibrafone com pedal e crotales, partes múltiplas de teclados.</p>	<p>Todas as técnicas.</p>

Figura 16: Tessitura proposta na tabela do Dario Sotelo

EXTENSÃO DOS INSTRUMENTOS POR NÍVEIS DE DIFICULDADE					
Grau	1	2	3	4	5
Flauta					
Oboé					
Fagote					
Clarinete					
Clarone					
Saxofone					
Trompete					
Trompa					
Trombone Bombardino					
Tuba					

OBS: A Semibreve indica limite de extensão entre um nível e o nível seguinte.

Fonte: SOTELO (2008, p. 50).

A tabela é dividida em 5 graus, porém, a presente pesquisa se baseou nos graus intermediários (2, 3 e 4). Para a adaptação e confecção de uma nova tabela, com enfoque no trompete em nível intermediário, o ponto de partida foi o terceiro grau, que se localiza na coluna central, com o acréscimo das opiniões dos professores respondentes do questionário on-line e do próprio autor.

3.1 CONFECÇÃO DA TABELA DE PARÂMETROS PARA TROMPETE EM NÍVEL INTERMEDIÁRIO

Os parâmetros de classificação seguirão uma ordem específica de sete tópicos, conforme a tabela a seguir:

Tabela 10: Tópicos utilizados na estruturação da tabela

Métrica e figuras rítmicas
Extensão e tessitura
Armadura de clave, tonalidades e modos
Tempo: Pulsação por minuto
Andamento
Articulação
Dinâmica
Ornamentos

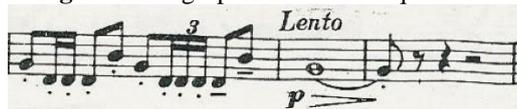
Fonte: Tabela elaborada pelo autor.

Os tópicos foram ordenados de acordo com o que o autor considera como prioritário na escolha e/ou composição de uma obra para o trompetista em nível intermediário.

3.2 MÉTRICA E FIGURAS RÍTMICAS

A métrica, a ser abordada neste contexto, inclui compassos simples e compassos compostos, tendo em vista que os compassos assimétricos exigem um grau mais elevado de compreensão rítmica por parte do estudante.

As figuras (ritmo e pausa) deveriam ser abordadas a partir da semibreve até a fusa, com eventuais pontos de aumento, à exceção da fusa. Recomendar-se-ia a inclusão de agrupamentos de três quiálteras, quintinas e sextinas até a figura de colcheias. A seguir, um exemplo de agrupamento de três quiálteras extraído da peça *A Trumpeter's Lullaby*, de Leroy Anderson, indicada pelo terceiro respondente como uma peça habitual do repertório intermediário:

Figura 17: Agrupamento de três quiálteras

Fonte: Trecho extraído da peça *A Trumpeter's Lullaby*.

Eventuais variações com as figuras rítmicas dos agrupamentos de quiálteras podem vir a ocorrer, como representado em trechos da obra *Andante et Allegro* de Guy Ropartz, sugerida como uma peça de nível intermediário, de acordo com o nono respondente.

Figura 18: Variações das células rítmicas de quiálteras

Fonte: Trecho extraído da peça *Andante and Allegro*.

Os agrupamentos de fusa, devem ser introduzidos de forma simples, como ilustra a figura a seguir, referente a peça *A Trumpeter's Lullaby*.

Figura 19: Agrupamento simples de fusa

Fonte: Trecho extraído da peça *A Trumpeter's Lullaby*.

3.3 EXTENSÃO E TESSITURA

A extensão e a tessitura foram transportadas para a afinação do trompete em Si bemol. Tendo em vista o desenvolvimento do aluno em relação ao nível intermediário, a tessitura abordada nesta etapa partirá do Fá sustenido 2 (nota mais grave da tessitura útil) até o Sol 4 (primeiro espaço superior do pentagrama), em concordância com o pensamento do sétimo respondente, que propôs estes limites. O autor sugere que, eventualmente e com pouca frequência, poderia incluir-se notas acima do Sol 4, porém, jamais além do Dó 5.

O autor ressalta que o compositor, ao criar uma obra ou o professor, ao escolher a devida publicação para o trompetista, deverá observar se a tessitura não ultrapassa a tessitura acima do Sol 4. Notas agudas em demasia poderiam causar ao aluno um grande desconforto e atrapalhar a sua performance.

3.4 ARMADURA DE CLAVE, TONALIDADES E MODOS

Armadura de clave é o conjunto de acidentes que se encontram de forma fixa na escrita musical, estipulando a tonalidade ou modo que se encontra a música.

Na tabela de Dario Sotelo, é recomendado para o grau três, as armaduras de clave até quatro bemóis. As ideias do mencionado autor estão em acordo com o terceiro respondente, no âmbito da utilização dos bemóis, porém, com o acréscimo de quatro sustenidos na armadura de clave como ilustra a figura seguir:

Figura 20: Armadura de clave dos sustenidos



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 21: Armadura de clave dos bemóis



Fonte: Elaborada pelo autor.

Considera-se que os modos maiores possuem um relativo menor. Sugere-se que se trabalhem tais tonalidades com seus respectivos modos relativos, como demonstra a tabela a seguir:

Tabela 11: Tonalidades e modos a serem trabalhados em nível intermediário

Sem acidentes na armadura de clave	Dó maior ou Lá Menor
1 Sustenido	Sol maior ou Mi menor.
2 Sustenidos	Ré maior ou Si menor.
3 Sustenidos	Lá maior ou Fá sustenido menor.
4 Sustenidos	Mi maior ou Dó sustenido menor.
1 Bemol	Fá maior ou Ré menor.
2 Bemóis	Si bemol maior ou Sol menor
3 Bemóis	Mi bemol maior ou Dó menor.
4 Bemóis	Lá bemol maior ou Fá menor.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor.

3.5 TEMPO: PULSAÇÃO POR MINUTO

Os parâmetros de andamento deveriam ser abordados entre o *Andante* e *Allegro* (60-144 bpm), podendo ocorrer alterações entre os andamentos durante a peça, com os acréscimos de convenções de aceleração ou desaceleração do andamento como *ritardando*, *rallentando*, *tempo rubato*, *stringendo*, entre outros.

3.6 ANDAMENTO E ENVERGADURA

O professor/compositor, desde que ele tenha a intenção de compor com finalidade didática, deveria observar alguns fatores em relação ao andamento. Sendo assim, na obra em questão, além da tessitura, deveria optar-se por uma duração limitada (até 8 minutos). Obras extensas, exigiria da resistência e da concentração do executante em nível intermediário.

3.7 ARTICULAÇÃO

Neste quesito, deveria ser explorado, junto ao estudante, a diversidade de emissão do som³³ priorizando articulações como *portato*, *legato*, *tenuto*, além do uso de acentos (>, por exemplo). Ademais, se incentivaria uma iniciação às técnicas de *staccato* duplo e triplo. Tais habilidades requerem que o trompetista execute trechos ligeiros em articulações desligadas, alternando golpes de língua (TA) com golpes de garganta (KA). Recomenda-se, em nível intermediário, que esta técnica seja desenvolvida a partir de notas repetidas, conforme apregoado por Arban.

3.8 DINÂMICA

As dinâmicas deveriam partir de *pp* (pianíssimo) até *ff* (fortíssimo). As dinâmicas *ppp* (pianíssíssimo) e *fff* (fortíssíssimo) demandam um certo controle técnico. Utilizam-se, também, crescendo e decrescendo de curta e longa duração. Nesta etapa, o aluno deveria ter os seus primeiros contatos com a utilização das dinâmicas súbitas como *p subito* (piano súbito) e o *f subito* (forte súbito).

3.9 ORNAMENTOS

Não é feita nenhuma menção à ornamentação de época. Com isso, deve-se abordar nesta etapa, os seguintes ornamentos: *apoggiaturas*, arpejo, floreio, grupeto, mordentes, trinados e outros (escritos na partitura) como estampa a gravura a seguir:

³³ O trompete permite uma certa riqueza de emissão, com base em fonemas, como: Pu, Du, Tah, Dah, entre outros (nota do autor).

Figura 22: Modelos de ornamentos a serem abordados neste nível

APOJATURA

GRUPETO

FLOREIO

PORTAMENTO

TRINADO

GLISSANDO

ARPEJO

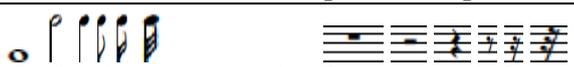
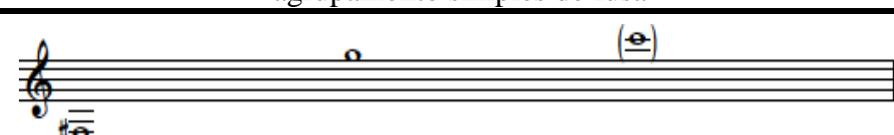
The image displays seven musical examples of ornaments on a single staff in treble clef.
 1. **APOJATURA**: A sequence of notes with a grace note (accidentals) preceding the main note.
 2. **GRUPETO**: A single note with a grace note (accidentals) above it.
 3. **FLOREIO**: A sequence of notes with a grace note (accidentals) preceding the first note.
 4. **PORTAMENTO**: A sequence of notes with a slur connecting them, indicating a glide between notes.
 5. **TRINADO**: A sequence of notes with a wavy line above them, indicating a trill.
 6. **GLISSANDO**: A sequence of notes with a wavy line above them, indicating a glissando.
 7. **ARPEJO**: A sequence of notes with a wavy line above them, indicating an arpeggio.

Fonte: NOBRE (2018, p. 18).

3.10 TABELA PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DO TROMPETE EM NÍVEL INTERMEDIÁRIO

A seguir, a nova adaptação dos parâmetros técnico-trompetísticos em nível intermediário:

Tabela 12: Proposta da tabela de parâmetros em nível intermediário

TABELA DOS PARÂMETROS TROMPETÍSTICOS EM NÍVEL INTERMEDIÁRIO	
Métrica	<p>Simples: 2/2, 2/4, 3/4 e 4/4 Composto: 3/8, 6/8, 9/8, 12/8 Variações métricas fáceis em compassos simples e compostos</p>
Figuras de Nota e Pausa	 <p>Podendo ser pontuadas, à exceção da fusa Agrupamentos de, ao máximo, 3 quiálteras Agrupamentos simples de fusas, quintinas e sextinas de semicolcheia, e agrupamento simples de fusa</p>
Extensão/Tessitura	 <p>Fá sustenido 2 ao Sol 4, alcançando eventualmente o Dó 5.</p>
Armadura de Clave, tonalidades e modos	<p>Dó Maior com a relativa menor e modos. 4 bemóis (Fá, Si Bemol, Mi bemol, Lá bemol), 4 sustenidos (Sol, Ré, Lá, Mi), todos com a relativas menores e eventuais modos adjacentes.</p>
Tempo (bpm)	<p>Andante-Allegro (60-144), rit., accel., rall., allarg., molto rit.</p>
Dinâmicas	<p>pp até ff, crescendo e decrescendo de maior duração, alguns súbitos.</p>
Articulação	<p>Ataques (Pu-Du-Tu-Tah-Dah- etc...), ligaduras, acentos, tenuto, legato, staccato simples, uso mínimo do staccato duplo e triplo, marcato entre outros.</p>
Duração	<p>Até 8 minutos, ao máximo.</p>
Ornamentos	<p>apoggiaturas, arpejo, floreio, grupeto, mordentes, trinados e outros. (grafados na partitura)</p>

Fonte: Tabela elaborada pelo autor.

Esta tabela de parâmetros surgiria como uma ferramenta de apoio para nortear professores, compositores, alunos e regentes na criação e escolha de material didático para trompetistas em uma etapa de formação intermediária. Os parâmetros elencados não se propõem como uma verdade absoluta e estão sujeitos a alterações, de acordo com os objetivos, anseios e desenvoltura do estudante de trompete.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer do trabalho, deparou-se com a escassa literatura sobre o desenvolvimento da aprendizagem do trompete em nível intermediário. Utilizou-se fontes que relacionam o nivelamento do instrumento de sopro e suas aplicações para o trompete no cenário das bandas de música, acrescidas das opiniões dos 19 docentes respondentes, estes professores de trompete em universidades brasileiras.

A coleta de dados revelou pontos em comum entre os professores participantes da pesquisa e culminou em um estado da arte do ensino do trompete no Brasil nesta década que se inicia. Notou-se também a escassez de pesquisas sobre parâmetros de nivelamento adotados no ensino e aprendizagem do trompete, embora nomenclaturas como “intermediário”, “avançado” sejam utilizadas com frequência, como por exemplo em concursos e cursos promovidos por agremiações trompetísticas brasileiras como a Associação Brasileira de Trompetista (ABT) e o *Jazz Trumpet Festival* (JTF). Observou-se que as respostas dos participantes do questionário tendiam a ultrapassar as barreiras do intermediário para o avançado ou a recuar, do intermediário para iniciante.

Pode-se dizer que todos os três graus centrais da tabela de Dario Sotelo se intermediam e que trompetistas com o mínimo de experiência podem se encaixar, independentemente do nível de expertise. A busca por desempenho junto ao instrumento, aparentemente, acarreta a impressão de que sempre se perseguirá os fins, mas sempre haverá o sentimento de eterno aprendizado através dos meios. O propósito deste trabalho foi, inclusive, especular sobre os meios.

Pode-se notar pontos de relações entre trompetistas amadores e estudantes em nível intermediário em trompete e espera-se que esses músicos busquem realizar as tarefas artísticas que lhe forem atribuídas. O trompetista amador deveria ter um domínio técnico suficiente para começar, eventualmente, estudos mais ambiciosos. Neste caso, o nível intermediário serviria como ponte, seja para avançar em direção a novas conquistas musicais ou recuar, a fim de resolver ocasionais lacunas não preenchidas na formação de base.

Nota-se que ao longo da pesquisa poucas obras citadas são de compositores brasileiros. Espera-se que este trabalho influencie compositores de nosso país a criarem obras inéditas para níveis mais incipientes. Normalmente, quando uma obra é estreada, é dedicada a um trompetista de destaque ou grande virtuose do instrumento. Espera-se que na contemporaneidade, autores brasileiros venham a criar materiais didático-musicais que coloquem em foco, também,

trompetistas que não necessariamente sejam virtuosos.

Ademais, espera-se que esse trabalho estimule novas pesquisas sobre os demais níveis de expertise comumente adotados no ensino do trompete (iniciante, básico, avançado) ou em propostas de parâmetros para outras vertentes estilísticas diferentes da linha eurocêntrica, como jazz, música latina, música brasileira, choro, dentre outros.

Conclui-se que acreditar no desenvolvimento do aluno somente através da prática não basta. O conhecimento da literatura e a reflexão derivada desta ação, como foi citado por alguns respondentes, é fundamental no processo de evolução do estudante.

Por fim, propõe-se que após a finalização deste Trabalho de Conclusão de Curso, emergem outros trabalhos sobre a temática de parâmetros de classificação e nivelamento instrumental. Acredita-se que o aprofundamento desta reflexão poderá culminar em uma criação assertiva de novos materiais didáticos para os trompetistas brasileiros.

5. REFERÊNCIAS

- ARBAN, José J. L. **Gran Método Para Trompeta** (Ed. 9). Buenos Aires: Ricordi América, 1956.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.
- BAPTISTA, Paulo Cesar. **Metodologia de Estudo para Trompete**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2010.
- BOYLAN, Andrew R. **Trumpet Teacher's Handbook: A Comprehensive Musicianship Guide**. Doctor of Music Indiana University December, 2018.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. (org.). Projeto Bandas: bandas de música por estado cadastradas na Funarte. Brasil, 1975. Disponível em: <https://sistemas.funarte.gov.br/consultaBandas/>. Acesso em: 25 mar. 2021.
- CARTAGENO, Carolina. **Das teclas aos pistões**. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/dasteclasaospistoes/trompete/historia>>. Acesso em: 23 set. 2020.
- COELHO, Filipe António da Silva. **Uma abordagem pedagógica a questões técnicas e metodológicas do ensino do trompete no âmbito das escolas profissionais de música em Portugal**. 2014.
- BELTRAMI, Clóvis Antônio. B419e **Estudos dirigidos para grupos de trompetes: fundamentos técnicos e interpretativos**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Campinas, 2008.
- DISSENHA, Fernando. **Os Trompetistas e o Repertório da Osesp nas Temporadas de Concerto de 1977 a 1980**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2017.
- GABRIEL, Flavio. **Max Schlossberg – Daily Drills and Technical Studies for Trumpet**. Disponível em: <<https://www.trompeteonline.com.br/artigo/max-schlossberg-daily-drills-and-technical-studies-for-trumpet>>. Acesso em: 11 nov. 2021.
- GABRIEL, Flavio. **O Trompete e a Pesquisa no Brasil**. Disponível em: <<https://www.trompeteonline.com.br/artigo/o-trompete-e-a-pesquisa-no-brasil>>. Acesso em: 22 fev. 2020.
- Guilda Internacional de Trombeta. **In memoriam: Bill Adam (1917-2013)**. Disponível em: <<https://trumpetguild.org/content/itg-news/375-in-memoriam-bill-adam-1917-2013>>. Acesso em: 05 out. 2020 -No site CaringBridge - Site desativado.
- MAGGIO, Louis – **System for Brass by Carlton MacBeth**. Distribuição por Maggio Music Press. Impresso por North Hollywood CA 91609 USA. 1975.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003. MED, Bohumil. **Teoria da Música**. 4ed. erv. e ampl. Brasília, DF: Musimed, 1996.
- NOBRE, Jorge. **Apostila de Teoria Musical**. Disponível em: <<http://www2.secult.ce.gov.br/Recursos/PublicWebBanco/Partituraacervo/Apt000002.pdf>>. Acesso: em 12 abr. 2021.
- O.J.'s Trumpet Page. **JB Arban**. Disponível em: <<http://ojtrumpet.net/arban/>> Acesso em: 10 fev. 2021.

O.J.'s Trumpet Page. **Max Scholssberg**. Disponível em: < <http://ojtrumpet.net/schlossberg/>>
Acesso em: 05 out. 2020.

PEREIRA, Oséias. **Espaço do Trompete**. Disponível em:
<<http://espacodotrompete.blogspot.com/2012/08/nailson-simoes.html>>. Acesso em: 22 fev.2020.

SOTELO, Dario. **Tabela de Parâmetros técnicos e musicais para classificação do repertório de sopros destinado a bandas**. In: JARDIM, Marcelo (Org.) **Pequeno guia prático para o regente de banda**. Rio de Janeiro: Funarte, 2008, p. 36-50.

LOPES, Maico Viegas. **A Música Brasileira para Quintetos de Metais do Rio de Janeiro a Partir de 1976**. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

LOPES, Maico Viegas. **A Interpretação da Música Brasileira para Trompete Sem Acompanhamento**. Tese – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

MATTISON, Ben. **O trompetista da Filarmônica de Nova York de longa data William Vacchiano morre aos 93**. Disponível em: <<https://playbill.com/news/article/2920.html>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

RONQUI, Paulo Adriano. **O Naípe de Trompete e Cornet nos Prelúdios e Sinfonias das óperas de Antônio Carlos Gomes**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2010.

SANTOS, Robson. **Aula de Canto Hoje**. Extensão Vocal, Tessitura e Classificação Vocal: Como Esses Temas Podem Lhe Ajudar? Descubra. Disponível em: <auladecantohoje.com>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SULPÍCIO, Carlos Afonso. **Transformação e Formação da Técnica do Trompete: de Monteverdi a Stockhausen**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, 2012.

VECCHIA, Fabrício Dalla. **Iniciação ao trompete, trompa, trombone, bombardino e tuba: Processo de ensino e aprendizagem dos fundamentos técnicos na aplicação do método da capo**. Programa de Pós-Graduação em Música. Universidade Federal da Bahia, 2008.

_____. Disponível em:
<<https://painelsesc.sesc.com.br/Partituras.nsf/viewCompositores/9F3EE7BD524C227383257D46006A6FCA?OpenDocument>>. Acesso em 04 abr. 2019.

6. ANEXO: RESPOSTAS OBTIDAS VIA QUESTIONÁRIO ON-LINE

← Resumo ⋮

19
Total de respostas

19
Respostas completas

 Editar

 Enviar

 Analisar

CONFIGURAÇÕES

Status do questionário: **ABERTO** Gerenciar

Alertas de novas respostas

DETALHES

Respondentes	19
Taxa de conclusão	100%
Última entrada	01/04/2020
Criado em	20/03/2020
Modificado em	02/04/2020
Categoria	Educação
Perguntas	10
Páginas	1

Acesso ao questionário disponível em: <<https://pt.surveymonkey.com/results/SM-KS9H2Z289/>>. Ou através do QR CODE a seguir:

